

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**MÍDIA PORNOGRÁFICA E SUBMISSÃO DA MULHER: A  
REPRODUÇÃO DO MACHISMO ATRAVÉS DO  
SEXO MEDIATIZADO**

**ERICK MENDONÇA DAU**

**RIO DE JANEIRO**

**2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**MÍDIA PORNOGRÁFICA E SUBMISSÃO DA MULHER: A  
REPRODUÇÃO DO MACHISMO ATRAVÉS DO  
SEXO MEDIATIZADO**

Monografia submetida à Banca de  
Graduação como requisito para obtenção do  
diploma de Comunicação Social/ Jornalismo.

**ERICK MENDONÇA DAU**

**Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho**

RIO DE JANEIRO

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mídia Pornográfica e Submissão da Mulher: a reprodução do machismo através do sexo midiaticizado**, elaborada por Erick Mendonça Dau.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho – ECO UFRJ

Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral – ECO UFRJ

Profa. Dra. Janice Caiafa – ECO UFRJ

RIO DE JANEIRO  
2011

## FICHA CATALOGRÁFICA

DAU, Erick Mendonça.

Mídia Pornográfica e Submissão da Mulher: a reprodução do machismo através do sexo midiaticizado. Rio de Janeiro, 2011.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientador: Eduardo Granja Coutinho

DAU, Erick Mendonça. **Mídia Pornográfica e Submissão da Mulher: a reprodução do machismo através do sexo mediatizado**. Orientador: Eduardo Granja Coutinho. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho tem a intenção de demonstrar como a figura da mulher é, de maneira geral, representada na mídia pornográfica contemporânea. Procura-se ressaltar que a submissão e a exploração são a tônica da representação que este segmento de mídia faz do gênero feminino. O trabalho traça um breve histórico da produção de pornografia no mundo, além de apontar os principais traços da evolução da ideologia machista na sociedade. A partir da análise de obras e sites pornográficos específicos, o trabalho propõe uma reflexão no sentido de relacionar a pornografia comercial e a ideologia machista com a reprodução e a sustentação do sistema capitalista através da mediação do sexo.

Às mulheres da minha vida:

Solange, Valéria, Elizabeth e Beatriz.

## AGRADECIMENTOS

André, Felipe e Marcos, por tudo, por sempre.

Às minhas meninas, que têm a maior culpa por este trabalho.

Ricardo, Lívia, Luana, Luiza, Iasmine, Jefferson, Luísa e todos os amigos do PET.

Aos amigos Diego, Joanna, Thaíz e Sérgio, por sua compreensão, e por nossas discussões tão sérias e sorridentes.

Ao professor e amigo Mohammed ElHajji, pela co-orientação e sobretudo pela paciência, pela amizade e pela preocupação.

Ao professor e amigo Eduardo Granja Coutinho, pela orientação e pela plena disposição e confiança.

À Laura e Marina, pela hospitalidade e carinho, livros, trabalhos, processos...

À Luciana e Gabriela, pelos planos, projetos, conversas e sorrisos nos dias mais longos.

À professora Raquel Paiva, pelas broncas, pelo apoio e por ser tão solícita.

## **SUMÁRIO**

### **1. Introdução**

### **2. Pornografia**

#### **2.1 – História da Pornografia**

#### **2.2 – Indústria de Bens Simbólicos e Pornografia**

#### **2.3 – Cultura da Pornografia**

#### **2.4 – Recorte da Pornografia**

### **3. Machismo**

#### **3.1 – A origem e a evolução do machismo**

#### **3.2 – Machismo na atualidade**

### **4. Pornografia e Capitalismo**

#### **4.1 – Pornografia contemporânea e exploração da mulher**

#### **4.2 – Fetichismo da exploração**

### **5. Conclusão**

### **6. Bibliografia**



## 1. INTRODUÇÃO

A pornografia é uma parte substancial da nossa sociedade global. Não é possível ignorar ou minimizar a sua existência, sua influência econômica, política e social no mundo de hoje. Da mesma maneira, não parece razoável o abismo existente entre a gigantesca audiência que a mídia pornográfica recebe da sociedade e falta de atenção com que o tema é tratado pela mesma. Há um enorme déficit no entendimento e mesmo no reconhecimento do que se pode chamar de pornografia. A razão desta desatenção talvez seja, em parte, explicada pela enorme carga moral que a pornografia e mesmo a sexualidade carregam, especialmente na sociedade ocidental marcada historicamente pelos dogmas do cristianismo. Por outro lado, não se pode negar a motivação econômica que está por trás desta pretensa ignorância, já que o descontrole em relação ao tema constrói uma plataforma onde se apóiam as grandes produtoras pornográficas do mundo.

Embora uma definição precisa de pornografia seja necessariamente muito ampla, este trabalho pretende fazer um recorte temporal e conceitual do tema, em primeiro lugar para adequar o termo ao assunto geral do trabalho e, em segundo lugar, para fugir de alguma possível discussão de cunho moral. A pornografia de que se pretende tratar compreende fundamentalmente obras de vídeo, e é característica de um período relativamente curto de tempo, cerca de 20 anos, e da veiculação pela internet. Além disso, possui necessariamente um caráter mercadológico, é voltada para o consumo mediante pagamento dos espectadores.

Dentro desta delimitação, o termo pornografia não poderá abranger as representações eróticas feitas durante a história pelas artes em geral, embora elas se encaixem na acepção mais comum do termo. Muitos trabalhos sobre esta temática adotam, com pequenos graus de variação, uma definição que é mais ampla e entende pornografia como material sexualmente explícito com intenção de gerar excitação no receptor.

A premissa deste trabalho, no entanto, se apóia no fato de que a pornografia aqui recortada

[...] amiúde retrata mulheres como altamente sexualmente promíscuas (highly sexually promiscuous) e frequentemente como sendo dominadas e "usadas" por homens. Estas imagens podem privilegiar e reforçar vários esquemas sexualmente agressivos, por exemplo,

que algumas mulheres merecem ou desfrutam ser assediadas, sexualmente maltratadas ou estupradas. (HALD et alli; 2010)<sup>1</sup>

A partir deste entendimento, qualquer obra audiovisual pornográfica que se encaixe nas características descritas acima poderá ser adotada para exemplificar este tema. A palavra pornografia, em sua etimologia, tem origem grega e é composta pelo radical *porno*, que significa prostituição, e pelo sufixo *grafia*, que significa representação. O termo, contudo, não tem exatamente o sentido original – por não entendermos, formalmente, a pornografia como prostituição – mas mantém-se no mesmo campo semântico, uma vez que designa uma prática onde há, tal qual na prostituição, a alienação do corpo de um indivíduo, que é tratado como mercadoria, como objeto que se pode manipular e utilizar mediante o dinheiro.

Na realidade a própria palavra surgiu durante o século XIX, no idioma francês e posteriormente no idioma inglês, portanto, num momento muito posterior ao início das representações eróticas pela arte, que poderiam, em um sentido amplo e abrangente, ser classificadas como pornografia.<sup>2</sup>

O erotismo sempre foi tema das mais diversas manifestações artísticas, ou de maneira direta e explícita, ou cercando as narrativas construídas pelas obras de arte. Diversos autores da literatura, da pintura, das esculturas, do teatro, tiveram o erotismo como parte fundamental de seus trabalhos e são representativos de épocas diversas da história. Se é uma possibilidade que a grande maioria destes trabalhos e obras já dispunha e se apropriava do corpo ou da figura da mulher de maneira vertical e dominadora, este trabalho não entrará neste mérito. Portanto, é de extrema necessidade fazer a distinção entre esta temática erótica, que acompanha o desenvolvimento da humanidade – e que sem dúvida poderá muitas vezes ser classificada como pornografia, e a pornografia “moderna”, que trabalha com a superexposição como objetivo final e único de suas obras.

---

<sup>1</sup> “[...] nonviolent pornography often portrays women as highly sexually promiscuous and frequently as being dominated and ‘used’ by males. These images may prime and reinforce various sexually aggressive schemata and ‘rape myth’ attitudes, e.g., that some women deserve to or enjoy being harassed, maltreated sexually, or raped” Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ab.20328/abstract;jsessionid=1E89CFB08AE27658BF380B574974B5CA.d01t02>, acesso em 10/08/2011

<sup>2</sup> Pornography: A Secret History of Civilisation, 1999.

O conceito de superexposição, quando não há na obra nenhuma outra intenção que não expor a mulher, seu corpo e sua sexualidade, provavelmente não é um fenômeno exclusivo da era da internet. Possível e provavelmente, muitas obras anteriores a este momento histórico já tinham este caráter estritamente pornográfico. O fato é que várias características da atualidade permitiram uma proliferação inédita na história de toda a sorte de produtos midiáticos, e especificamente a vídeopornografia.

Em primeiro lugar, o fugaz desenvolvimento das tecnologias de vídeo torna muito mais acessível, do ponto de vista econômico e técnico, o aparato necessário para a realização de filmes de alta qualidade técnica – os equipamentos são cada vez mais baratos e sua utilização cada vez mais intuitiva. Este é um fator muito importante neste fenômeno, porque se antes a possibilidade de realizar filmes se concentrava nas mãos de alguns poucos realizadores que gastavam grandes quantias de dinheiro para fazê-los, agora uma quantidade muito maior de pessoas pode se tornar produtora de um filme erótico em qualquer espaço, bastando ter uma câmera e um computador – o que se aplica também, de maneira similar, ao recente e cada vez maior crescimento das produções de cinema independentes.

Em segundo lugar, a forma de distribuição da produção se modificou radicalmente, subvertendo rapidamente a lógica antiga da produção de filmes pornográficos – ou, novamente, de filmes em geral. Com o advento e o desenvolvimento da internet e das altas taxas de transmissão de dados, especialmente com a consolidação do *streaming* de vídeo, as plataformas físicas de mídias – o CD ou DVD já haviam praticamente sepultado as fitas de vídeo – se tornaram obsoletas, e o acesso aos filmes se independizou da distribuição física, que além de ser extremamente lenta, era bastante custosa. A distribuição de filmes nos dias de hoje, incluídos os pornográficos, passa obrigatoriamente pela internet.

Em terceiro lugar, deve-se apontar uma mudança na mentalidade da sociedade como um todo em relação aos limites da exposição do corpo, que tem reflexos diretos sobre a produção pornográfica. Não é preciso fazer uma análise da pornografia em si para se chegar à conclusão de que o público se tornou menos resistente ao sexo e à nudez com o passar do tempo. Qualquer simples histórico da publicidade, do cinema ou da televisão revelaria o flagrante movimento da sociedade em direção à aceitação do erotismo com cada vez maior naturalidade. O que era escandaloso no século XIX, como a exposição das pernas de uma mulher, hoje é absolutamente natural e cotidiano na vida da maioria das sociedades do mundo.

A evolução desta permissividade – não cabendo aqui qualquer juízo de valor moral – influi diretamente sobre a produção da pornografia no mundo hoje. O número de mulheres que se propõem a realizar filmes pornográficos parece crescer substancialmente, o que se pode verificar com o crescimento do volume de filmes realizados. Este crescimento é, ao mesmo tempo, fruto e originário de um ciclo vicioso desta aceitação/participação social. Se, por um lado, o número de filmes pornográficos lançados na internet cresce diariamente, por outro, este próprio crescimento gera uma maior aceitação entre as mulheres, que se submetem cada vez mais – por uma série de pressões sociais, subjetivas, econômicas – à participação na pornografia.

Muniz Sodré, em "A Comunicação do Grotesco", analisa o papel da cultura de massas em nossa sociedade. Segundo ele

Cada organização das relações de produção engendra uma atmosfera psicossocial própria, que se destina em geral a perpetuar o seu tipo específico de relações humanas. A cultura de massa – frisamos: essencialmente política – é hoje o grande medium da atmosfera capitalista. (SODRÉ; 1972: p. 39)

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar como, nos marcos do capitalismo, a mulher é representada na mídia pornográfica de massas da internet. Para isso, pretende fugir dos discursos oficiais sobre a representação da mulher na mídia em geral, traçando um apanhando geral das visões feministas sobre a pornografia, sobre a questão da dominação masculina em nossa sociedade e sobre a violência contra a mulher. Neste sentido, algumas autoras merecerão destaque no caminho da argumentação – a preponderância de mulheres, junto à temática do trabalho, sugere que o coletivo aqui deva estar no feminino. Catharine MacKinnon, Lynn Hunt, María Elvira Díaz-Benítez, Gail Dines, Evelyn Reed e Pierre Bourdieu constituirão o cerne da bibliografia e da fundamentação teórica do trabalho. A escolha por um corpo bibliográfico predominantemente constituído por obras femininas se deve principalmente a dois fatores: o primeiro, a maior disponibilidade de material sobre o tema elaborado por mulheres; o segundo, que parece ser a causa do primeiro, o fato de que "Os indivíduos, homens e mulheres, interpretam as imagens que os meios difundem sobre os gêneros e o

fazem desde sua própria identidade de gênero.<sup>3</sup>" (VAN ZOONEN apud. SORIANO; 2004: p. 160).

Além disso, o trabalho faz também a análise e a descrição de vídeos e sites pornográficos pertinentes ao recorte da pornografia que será aqui proposto.

Portanto, o primeiro capítulo será destinado especificamente à pornografia, traçando um breve histórico de seu desenvolvimento, seguido de uma explicação sucinta sobre a cultura pornográfica e como ela se apresenta hoje em dia na sociedade. Aqui também estará especificado o recorte que o trabalho pretende fazer do tema.

O segundo capítulo é destinado à uma breve discussão sobre o machismo, suas origens, suas funções e a maneira como ele opera na contemporaneidade. Dentro desta discussão, será explicitado o inegável paralelo entre a opressão da mulher e a sustentação do sistema capitalista.

Partindo dos pontos e questões anteriormente elaboradas, o terceiro capítulo tratará diretamente do tema mais específico do trabalho, a relação da pornografia na atualidade com a opressão da mulher. Através de análises de filmes e sites de pornografia e do diálogo com uma série de pesquisadoras do tema, pretende-se avaliar qual é o papel da pornografia na construção e manutenção da ideologia e das práticas machistas da sociedade.

O trabalho tentará, de modo geral, fugir o máximo possível dos esquemas de percepção preponderantes na sociedade em relação à pornografia e à questão de gêneros. Este é um ponto importante, à medida em que sua intenção final é proporcionar às mulheres um pequeno aporte na direção de sua emancipação enquanto gênero e enquanto classe social, no objetivo de torná-las conscientes de que por trás da pornografia está um mosaico fluido de entidades – entre as quais a mídia tem posição de grande destaque – que pretendem convencê-las, através da repetição sistemática, de que não há alternativa a este modo de existência. Bourdieu, em "A Dominação Masculina" diz que

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de

---

<sup>3</sup> "Los individuos, hombres y mujeres, interpretan las imágenes que los medios difunden sobre los géneros y lo hacen desde su propia identidad de género"

*reconhecimento*, de submissão. (BOURDIEU; 2002: p. 10)

De fato, isto fica comprovado quando Soriano diz que

"através das mulheres não maltratadas vemos como os meios de comunicação constroem uma imagem social da violência de gênero que difere consideravelmente da construída pelas mulheres maltratadas. Assim, o passo de construir um discurso baseado na experiência pessoal é um ato de tomada consciência da mulher maltratada. Portanto, temos que nos perguntar: até que ponto a informação imperante sobre a violência de gênero não constitui um obstáculo para a tomada de consciência social e pessoal do problema da violência contra as mulheres?"<sup>4</sup> (SORIANO; 2004: p. 164)

A este fim, qual seja, o de tomada de consciência da mulher através de um olhar contrário aos lugares de fala habituais sobre a questão feminina, este trabalho humildemente se dedicará.

---

<sup>4</sup> “A través de las mujeres no maltratadas vemos como los medios de comunicación construyen una imagen social de la violencia de género que difiere considerablemente de la de las mujeres maltratadas. Así, el paso de construir un discurso basado en la experiencia personal es un acto de toma de conciencia de la mujer maltrada. Por lo tanto, hemos de preguntarnos: ¿Hasta qué punto la información imperante sobre la violencia de género no constituye un obstáculo para la toma de conciencia social y personal del problema de la violencia contra las mujeres?”

## **2. PORNOGRAFIA**

Se queremos uma compreensão completa do que é a pornografia, é imprescindível transpor os limites formais que ela geralmente assume. A pornografia não é só composta pelas obras de exposição explícita das partes íntimas do corpo – aqui incluídas toda e qualquer figura ou literatura que trate deste tema, da maneira mais ampla possível. De fato, alargar os limites do que poderia ou não ser considerado pornografia é de extrema importância mas não o suficiente para a compreensão que se pretende ter neste trabalho.

Para além das questões formais, das nuances e diferenciações entre obras, fotos, vídeos, contos e livros, é preciso ter em conta que a pornografia também é história. Ela tem a sua história própria, enquanto categoria distinta do pensamento e da produção artística e, ao mesmo tempo, tem parte incontestável no desenvolvimento da história da humanidade. Uma historização dialética da pornografia, onde suas particularidades afetam o contexto geral da história e por ele são afetadas é, portanto, da maior importância se queremos compreender o que, hoje em dia, pode ser dito sobre a pornografia contemporânea.

A pornografia é também os seus próprios discursos – aqueles que se faz sobre ela e aqueles que ela produz sobre si e sobre a sociedade. Desta maneira, os conteúdos da pornografia, que mudam ao longo do tempo, bem como os debates que se travam sobre ela, precisam igualmente ser visitados e analisados a fim de que se possa traçar a evolução temporal e qualitativa do lugar que a pornografia ocupa na sociedade.

Este capítulo pretende esmiuçar e relacionar estas características da pornografia, fazendo um recorte adequado ao tema geral deste trabalho, com a intenção de clarificar os conceitos e definições que serão utilizados posteriormente para dar conta do problema aqui exposto.

### **2.1 – História da pornografia**

A representação explícita de órgãos sexuais, da sensualidade e do desejo, do erotismo, está presente em muitos, senão todos, os tempos e lugares do desenvolvimento da humanidade (HUNT; 1999). Embora não se possa ter certeza se sempre houve uma intenção de excitação sexual do espectador nestas representações, é possível identificar exemplos de representação explícita que remontam aos antecessores

do homem moderno, do período paleolítico. A Vênus de Hohle Fels, também conhecida como Vênus de Schelklingen, uma estatueta encontrada em um sítio arqueológico na Alemanha é, segundo os cientistas, o indício do primeiro povo civilizado da humanidade e foi esculpida há cerca de 35 mil anos. Por coincidência ou não, é uma representação de um corpo nu de mulher. Há uma dúvida sobre o significado que a estatueta pode ter, já que seus órgãos sexuais são representados de forma exagerada, mas a hipótese mais provável é de que seja um símbolo de fertilidade.<sup>5</sup>

Apesar desta imprecisão no significado da Vênus de Hohle Fels, a possibilidade de que ela tenha uma finalidade simbólica diferente da excitação sexual abre precedente para que a representação da sexualidade tenha mesmo um histórico imenso. Um recorte da temática erótica que assuma, para a definição de pornografia, as representações explícitas de órgãos e práticas sexuais com o objetivo de causar sentimentos de excitação sexual, no entanto, tornam mais possível traçar melhor uma origem que, apesar de não ser precisa, está mais disponível para ser analisada.

Na era moderna da Europa, entre 1500 e 1800, a pornografia era frequentemente utilizada como um veículo de contestação e crítica da ordem religiosa e da autoridade política. Ela se desenvolve entre a intenção de autores e artistas de testar os limites do ‘decente’ e a mira dos eclesiásticos e da política secular para regulá-los. Este processo se dá paralelamente aos longos momentos decisivos no desenvolvimento da modernidade ocidental, como a Renascença, a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Entre estes períodos a pornografia passa lentamente a ser concebida como categoria distinta de entendimento e como prática visual e literária. É inegável que os autores e artistas envolvidos com a produção da arte pornográfica têm papel crucial no decorrer destes períodos históricos, assumindo então um papel de subversão que teve importante lugar social e histórico e que faz parte, portanto, da concepção que o ocidente tem hoje do mundo. Isto demonstra que a pornografia, em si, com seus significados culturais e políticos, é um conceito que esteve em plena disputa durante a história da humanidade.

Ainda no século XVI, Aretino, escritor e poeta italiano famoso pela falta de escrúpulos em sua obra, já dava testemunhos do caráter contestador da pornografia e da sexualidade, em geral, e de como a moral vigente à época – e que se estendeu ainda

---

<sup>5</sup> [http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4251158,00.html?maca=bra-newsletter\\_br\\_Destaques-2362-html-nl](http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4251158,00.html?maca=bra-newsletter_br_Destaques-2362-html-nl), acesso em 20/08/2011.



durante alguns séculos – já a considerava perigosa e indesejável, embora a categoria ‘pornografia’ ainda não existisse formalmente para destilar este gênero da produção cultural geral. Em uma dedicatória escreveu:

Renunciei ao mau julgamento e ao hábito sujo que proíbe os olhos de verem o que mais lhes agrada [...]. Parece-me que aquilo que não se quer dizer por ser óbvio e indelicado, que nos é dado pela natureza para a preservação da espécie, deveria ser usado como um ornamento em torno dos nossos pescoços ou como um distintivo em nossos gorros, já que é a fonte da qual jorra o fluxo da humanidade. (HUNT; 1999: p. 26)

Logo, é imprescindível, para compreender a pornografia de maneira completa, assumir que os esforços e tentativas de regulá-la são também definidoras de seus limites.

Neste sentido, tem especial importância a descoberta da cidade de Pompéia, na Itália, no meio do século XVIII. A enorme presença de motivos e obras contendo elementos sexuais explícitos em uma cidade que havia existido há cerca de 1600 anos era uma questão complicada de se resolver para o poder constituído na época. A descoberta representava uma ameaça não só à ideia das pessoas sobre o mundo antigo, mas também à própria ideia de quem elas eram. No início, a igreja tentou negar a existência deste material encontrado na cidade, e quando não era mais possível negá-lo, passaram a tentar trancá-lo de alguma maneira, já que não era possível destruir aquelas obras, pelo seu valor cultural fascinante, e tampouco exibi-las. Aí surge a ideia de classificar aquele material, mas uma classificação que o distanciasse do público, escondendo em um museu. Este museu ficou conhecido como o Museu Secreto. (SIMON GOLDHILL)<sup>6</sup>

O fato de que antes dos primeiros anos do século XIX não existisse a categoria pornografia desligada da produção cultural foi precisamente explicado por Walter Kendrick, em sua obra "The Secret Museum". Ele diz que dois fatores explicam a invenção da pornografia da maneira que a entendemos hoje. Em primeiro lugar, a criação de diversos 'museus secretos' sob a forma de lugares trancados ou obras não catalogadas como maneira de regular cuidadosamente o consumo do obsceno por parte das classes baixas e de mulheres. Em segundo lugar Kendrick aponta o crescente volume de literatura sobre a prostituição à época, que casada ao crescimento da

---

<sup>6</sup> Pornography: A Secret History of Civilisation, 1999.

alfabetização e à popularização da educação, requeria por parte dos governos a expurgação de determinadas obras pornográficas clássicas. (KENDRICK; 1997).

Estes motivos podem ser bem ilustrados pela história de Giulio Romano e Marcantonio Raimondi. No início do século XVI, Romano foi contratado por Federico II Gonzaga, então marquês de uma cidade da Itália, para pintar um palácio com temas eróticos. A partir destas pinturas, Raimondi criou o livro chamado "*The Sixteen Pleasures*", contendo imagens explícitas de posições sexuais, que foi reproduzido pelas então novas técnicas de gravação impressa. O livro original e suas cópias foram destruídas pela igreja católica e Raimondi foi preso a mando do Papa Clemente VII, enquanto Romano nada sofreu, já que sua obra não foi distribuída. Mais tarde, Aretino compôs 16 sonetos para acompanhar as imagens que escaparam da destruição, numa segunda edição do livro. Foi a primeira vez em que textos acompanhavam obras pornográficas visuais, o que se provou uma mistura perigosa. Por conta disso, o livro foi confiscado e censurado pelo Papado, o que acabou criando uma pré-condição definidora para a pornografia, um gosto transgressor pelo proibido.<sup>7</sup>

A questão da censura do erótico certamente se desenvolveu enquanto o erotismo se tornou disponível para as massas. Quando você tinha pessoas ricas e poderosas, que podiam produzir obras eróticas especialmente para si, isso não era um problema. Eles eram o governo, não viam a si mesmos como sendo corrompidos por isso [...] tinham medo do efeito que isso poderia ter sobre as outras pessoas. (CLIFFORD J. SCHEINER)<sup>8</sup>

Aquele processo de purificação, modificação e mesmo exclusão de determinados assuntos cessou abrupta mas não definitivamente no período da Primeira Guerra Mundial, e a perspectiva de que o material obsceno até então apartado da sociedade viesse à tona gerou "o desejo por barreiras, catalogações, novas classificações e censura. Em outras palavras, a pornografia como categoria regulamentada surgiu em resposta à ameaça de democratização da cultura." (HUNT, 1999: p. 13)

---

<sup>7</sup> Pornography: A Secret History of Civilisation, 1999.

<sup>8</sup> The matter of censorship of erotica certainly developed as erotica became available to the masses. When you had rich powerful people who were able to have erotica produced specifically for them, it wasn't a problem. They were the government, they didn't see themselves being corrupted by it [...] they were very afraid of the effect it would have in other people. Em "Pornography: A Secret History of Civilisation", 1999.

O relatório sobre a pornografia elaborado pela Meese Comissão - um estudo encomendado pelo então presidente Ronald Reagan – apontava, em 1986, que "nos últimos cem anos, quase todos os escritos esboços ou material impresso ficaram restritos a um pequeno segmento da população, constituído pela elite social.' A pornografia começou a aparecer como gênero distinto de representação quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações." (Ibidem, p. 13)

É notável, portanto, uma mudança no entendimento em relação à pornografia característico do período anterior à virada do século XIX para o século XX e na atualidade. Se antigamente as instituições políticas e sociais despendiam enormes esforços para limitar o acesso, especialmente das camadas mais pobres da sociedade, à pornografia, o movimento que se pode constatar hoje é radicalmente oposto. Esta mudança de caráter da pornografia pode ser em grande medida explicada pela entrada em cena do mercado, embora não se possa negar que mesmo antes do período apontado pelo relatório da Meese Comissão, ou seja, antes do fim do século XIX, já existisse um mercado dedicado à pornografia. Como atesta Lynn Hunt,

A pornografia constituiu-se a partir de sua regulamentação e da existência de um mercado para as obras impressas. Os esforços das autoridades religiosas e políticas para regulamentar, censurar e proibir os trabalhos contribuíram, por um lado, para sua definição e, por outro, para a existência de um público leitor para tais obras e de autores empenhados em produzi-las. A censura intensificava o desejo dos leitores, mas é insuficiente para constatar as obras mais procuradas, já que alguns livros proibidos venderam muito, enquanto outros não obtinham o mesmo desempenho. Muitas encomendas dos leitores eram parecidas e os autores faziam referências constantes aos seus predecessores, evidenciando que a informação sobre livros e gravuras pornográficas era fácil de obter, ao menos para a elite e os homens educados. (HUNT; 1999: p. 20)

A data apontada pela Meese Comissão como marco para um tímido movimento de democratização da pornografia deve ser analisada em conjunto com o desenvolvimento dos meios de comunicação, cuja evolução está colada com a disseminação da produção pornográfica na sociedade. Quando, em 1836, William Fox Talbot inventou o calótipo, processo fotográfico que superava o recente daguerreótipo pelo menor tempo de exposição da fotografia e pelo uso de um negativo de vidro que possibilitava a reprodução quase ilimitada de cada foto, talvez tenha começado a se conformar um verdadeiro mercado de massas para a pornografia. A tecnologia foi

imediatamente empregada na produção de fotografias pornográficas. Paris rapidamente se tornou o centro desta produção, passando de cerca de trinta estúdios fotográficos em 1848 para mais de 400 em 1860, a maioria dos quais lucrando com a venda de material pornográfico ilícito para as massas, por um preço que agora, graças à nova técnica, era acessível para a população.<sup>9</sup>

Por volta de 1880 a técnica de impressão halftone tornou a reprodução da fotografia ainda mais barata e massiva. Esta invenção levou a pornografia a um novo patamar no início do século XX. Se antes os produtores de imagens estavam limitados à processos custosos e lentos, agora era facilmente possível reproduzir fotografias em preto e branco, o que levou a pornografia a se tornar um fenômeno do mercado de massas, já que estava ainda mais barata e acessível que nunca. Daí em diante deflagrou-se um grande movimento de evolução da pornografia, das suas formas de produção e das formas de consumo e da aceitação e penetração social dos seus conteúdos.

## **2.2 – Indústria de Bens Simbólicos e Pornografia**

Há uma enorme diferença qualitativa entre o mercado pornográfico anterior ao século XX apontado por Lynn Hunt em sua obra e o mercado que começa a se conformar no início deste século. As novas formas de produção de mídia modificaram radicalmente a produção cultural na sociedade, inclusive da categoria pornográfica. A primeira etapa neste processo de desenvolvimento veio com a invenção da revista, plataforma que dominou por muito tempo a forma de consumo da pornografia. As primeiras revistas, que mostravam imagens bastante chocantes para o período, se mascararam com a insígnia de revistas de arte celebrando o então novo culto ao naturismo moderno. São exemplos desta produção as revistas “Photo Bis”, “Modern Art For Men” e “Health & Efficiency”, todas lançadas por volta de 1900.

Durante os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, a pornografia foi se consolidando, nos EUA, como um meio de entretenimento masculino e, sobretudo, como um mercado de massas altamente lucrativo. Talvez o primeiro grande produto da pornografia moderna seja a revista “Playboy”, que foi lançada nos Estados Unidos no ano de 1953 e que hoje faz parte da “Playboy Inc.”, empresa presente em quase todos os

---

<sup>9</sup> Pornography: A Secret History of Civilisation, 1999.

segmentos de mídia e uma das marcas mais valiosas do mundo. O enorme sucesso da revista fez com que este tipo de mídia fosse, em pouco tempo, o principal meio de consumo da pornografia. Pouco tempo depois, seguindo a lógica geral do sistema capitalista, começaram a surgir revistas concorrentes, enxergando na recente experiência da “Playboy” um grande e promissor segmento de mercado. Com um perfil diferente, em 1956 foi lançada, na Inglaterra, a revista Penthouse, que modificou a representação erótica do corpo feminino. Foi esta revista que publicou pela primeira vez, neste gênero da pornografia, fotos onde se podiam ver os pelos pubianos e mulheres nuas em posição frontal, características que transgrediam o limite do erótico e eram classificadas como pornográficas.

A competição pelo público consumidor colocou as revistas, Playboy, Penthouse e outras do gênero, em uma disputa ousada na qual saía ganhando quem conseguia prolongar mais o limiar do erótico/pornográfico. Esta dinâmica foi levando ao uma exposição cada vez maior das mulheres fotografadas até que se criaram, já perto da década de 90, nichos diferentes para as revistas. Enquanto a “Playboy” seguiu sendo a líder do mercado daquela pornografia mais moderada, a revista Hustler, que havia surgido em 1974, despontou como a revista mais explícita, retratando atos sexuais com penetração entre casais, lesbianismo, sexo grupal, masturbação e enquadramentos com enfoque nas áreas púbicas.

Com o passar do tempo, novos meios e novas plataformas foram sendo incorporados ao mercado da pornografia, especialmente na área da filmografia, e a temática erótica, antes centrada predominantemente nas fotografias de mulheres nuas, se expandiu significativamente para o ato sexual.

A pornografia filmada não é uma novidade como pode parecer nesta análise. A primeira obra pornográfica filmada provavelmente data de 1895, logo após a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière e foi dirigida por Albert Kirchner.<sup>10</sup> De acordo com o livro “Film Facts”, de Patrick Robertson, “o mais antigo filme pornográfico que se pode datar com precisão é ‘A L'Ecu d'Or ou la bonne auberge’, feito na França em 1908”. (ROBERTSON; 2001: p. 256). Já na era do pós-guerra, o desenvolvimento das tecnologias de filmagem, como a película 8mm e super-8, possibilitou a consolidação de um mercado de massas para a pornografia filmada. A produção, no entanto, por ser

---

<sup>10</sup> <http://www.victorian-cinema.net/lear.htm>, acesso em 02/09/2011.

muito cara e pouco aceita na sociedade, ficou restrita ao amadorismo. Quando a pornografia foi legalizada na Holanda, em 1969, surgiram muitos empresários dispostos a investir neste setor de mídia, o que levou a um grande aumento na produção massiva de material pornográfico, barato e de qualidade, tanto no formato de revistas quando de filme, e que acabou sendo contrabandeado para outras partes da Europa.

A mudança de tecnologia do filme para o videotape também marca um momento de grande evolução da pornografia. O novo formato foi imprescindível para a mudança do local de consumo da produção pornográfica, que antes estava limitada à projeção filmográfica – o que demanda equipamentos e técnicas pouco acessíveis, em geral em cinemas – e com a tecnologia digital passou a poder ser consumida no interior dos lares dos espectadores. Esta mudança foi também responsável por um enorme aumento na produção pornográfica, muito maior que o possibilitado pela precedente legalização na Holanda.

Posteriormente a evolução da tecnologia modificou a maneira de distribuição da pornografia. O CD-ROM se tornou popular entre o fim da década de 80 e o início da década de 90, principalmente pelas primeiras possibilidades de interação do espectador com o material. Foi um curto período de tempo até que a internet se tornasse o meio preferido e mais conveniente de consumo da pornografia, pela praticidade, pelo menor custo, pela possibilidade de interação com outros espectadores e, principalmente, pela privacidade, uma vez que não há mediação humana entre o consumidor e a obra.

O recente e voraz desenvolvimento das tecnologias de vídeo também modificou radicalmente a maneira de se produzir a pornografia. Se antes a produção estava concentrada nas mãos de grandes produtoras, com enormes preços e demandas técnicas, agora é possível a qualquer pessoa que possua uma câmera, de preço relativamente baixo, e um computador com acesso a internet, produzir e distribuir vídeos pornográficos.

Toda a evolução de caráter técnico da pornografia foi acompanhada por uma mudança gradual no entendimento, nos discursos e na aceitação sobre a pornografia. O limiar entre o erótico e a pornografia, por exemplo, foi muito tensionado durante a história até chegar ao ponto em que está na atualidade. Em algum momento da sociedade ocidental a simples exposição das pernas de uma mulher feria gravemente a moral feminina. Novamente é preciso compreender e situar o mercado neste processo de desenvolvimento da permissividade social em relação à sexualidade. A publicidade

talvez seja o grande agente desta mudança, pois sempre apostou na sexualidade para aumentar a lucratividade e as vendas dos seus produtos.

### **2.3 – Cultura da Pornografia**

O final dos anos 70 é um período particularmente importante para o entendimento da pornografia. Durante estes anos, o ativismo feminista fomentou, primeiro nos Estados Unidos e posteriormente em escala internacional, um amplo debate sobre a pornografia que precisa ser revisitado para que se possa compreender, nos dias de hoje, o papel que este seguimento da mídia pode assumir na sociedade. Naquela ocasião, o perigo de que a moralidade tradicional voltasse a se impor com força no cotidiano norte-americano através do New Right, um movimento organizado por políticos republicanos e lideranças religiosas que versava especialmente sobre aspectos da sexualidade, pregando a criminalização do aborto, a não extensão de direitos aos homossexuais, impedimentos da atuação da mulher na esfera pública e outras coisas, fez surgir no cenário político posições dos movimentos feministas sobre a sexualidade, e em especial sobre a prostituição e sobre a pornografia.

Embora estes movimentos tenham em comum o embate ao moralismo 'de direita', as posições defendidas por eles são significativamente diferentes e mesmo opostas no que se refere ao significado dado à sexualidade. Em 1976 foi criado o “*Women Against Violence in Pornography and Media*” e, em 1979, o “*Women Against Pornography*”. Estes grupos, reunindo as denominadas feministas radicais (FERGUNSON; 1984), postulavam o fim da pornografia tomando-a como exemplo do perigo e da violência contra as mulheres. Na realidade estes grupos, em maior escala, se posicionavam contra as instituições heterossexuais, condenando sua dinâmica de poder que colocaria a dominação sexual como significado social do homem e a submissão como o significado social da mulher. “Entendiam a sexualidade como o elemento utilizado para objetificar as mulheres, impedindo-as, portanto de aceder ao reconhecimento de sujeitos portadores de direitos civis.” (PISCITELLI, 2005)

Por outro lado, a visibilidade que estes grupos ganharam na sociedade deu origem a uma posição oposta. Mulheres oriundas dos movimentos feministas e da comunidade lésbica passaram a criticar as posições essencialistas das feministas radicais. Estas mulheres “entendiam a sexualidade como uma arena de potencial

liberação para as mulheres” (PISCITELLI; 2005, p. 13) e, segundo elas, a pornografia, ao propor formas alternativas de sexualidade, não estaria inserida na relação dicotômica entre sexualidade e relações de dominação, mas antes contribuiria no sentido da liberdade sexual da mulher. Este posicionamento está resumido no livro “*Pleasure and Danger*”, de Carol Vance, que é fruto de uma conferência de feministas realizada em 1982 nos Estados Unidos. Maria Filomena Gregori, em seu artigo denominado “Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M”, diz que Vance criou uma convenção sobre o erotismo que influi até hoje nas reflexões do feminismo e que entende que a liberdade sexual da mulher constitui prazer e perigo.

Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, o abuso e o espancamento como fenômenos irrefutáveis envolvidos no exercício da sexualidade. Prazer porque há, no limite, uma promessa no erotismo e na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomada apenas como exercício de reprodução. (GREGORI; 2004: p. 239)

É preciso criticar as duas posições apresentadas neste debate histórico, embora seja preciso reconhecer o grande valor que ambas têm para a elaboração do entendimento sobre o feminismo e, em especial, sobre a pornografia. O feminismo radical, que talvez tenha como seu maior expoente o nome de Catharine Mackinnon, apresenta uma visão essencialista sobre a mulher, retirando em grande medida sua condição de sujeito, e de seu corpo a condição de ‘agência’. Segundo este entendimento, não importa em que contexto, a representação erótica da mulher necessariamente denota a submissão do gênero feminino ao gênero masculino, o que acaba por tratar o debate de maneira unilateral, não levando em conta aspectos extra-gênero como a questão de classe, o contexto histórico, e mesmo a subjetividade dos envolvidos no contexto específico inerente a cada produção e obra de temática erótica.

O ponto de vista de Vance, ou das feministas menos radicais, por outro lado, também apresenta uma falha que não pode ser minimizada. Ao dar ênfase à questão do prazer, entende a pornografia como uma possibilidade de liberação sexual da mulher, onde o gênero feminino tem também o direito e o poder sobre o corpo, já que, em geral, há o consentimento das partes para a realização das obras de pornografia. Ao colocar a mulher como sujeito absoluto desta participação, esta posição ignora que existam pressões que não são da categoria do gênero – são muitas vezes econômicas, políticas e



mesmo sociais – que geram o convencimento no trabalho. É o que demonstra Maria Filomena Gregori, quando diz que esta concepção cria uma armadilha:

Uma ênfase em uma concepção de prazer cujo significado não foi inteiramente problematizado em termos sociais e históricos, resultando em uma aposta de que ele traz em si uma força liberadora, desde que submetido ao consentimento entre parceiros. O “lado” do perigo foi tratado de modo simples como se o consentimento, como um mero ato de vontade, garantisse sua tradução em prazer. (GREGORI; 2004: p. 239)

Esta premissa cria um precedente muito perigoso à análise das relações sociais em geral, e notavelmente para as relações sexuais mediadas pelo trabalho ou pelo dinheiro. Na prática, a prostituição, por exemplo, também é baseada no consentimento entre dois (ou mais) parceiros sexuais. Se para uns pode parecer estranho e impositivo o entendimento de que nesta relação, à medida em que só há a alienação do corpo em uma das partes envolvidas, existe uma flagrante desigualdade, muito mais grave é o entendimento de que a prostituição é uma questão de escolha e de vontade legítima dos que a ela estão submetidos. Esta visão desliga a prostituição – ou, no caso, a pornografia – do contexto amplo em que se dá, trata a sexualidade como um terreno estanque isolado do complexo social. María Elvira Díaz-Benitez, em artigo denominado “Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô”, onde analisa *in loco* a realização de um filme pornográfico, dá um exemplo prático de como esta concepção é frágil.

Outra moça disse que esta seria sua primeira participação em uma suruba, motivo pelo qual estava com os nervos à flor da pele. Até o momento tinha participado apenas de três filmes pornográficos, dois anos atrás, dispensando novas propostas por receio de exposição de sua imagem. Mas quando recebeu a ligação da “recrutadora” de elenco que assistira seu ensaio fotográfico em um *site* para *acompanhantes*, sentiu-se seduzida pela proposta do cachê, R\$ 1000, e também porque naqueles dias seu trabalho como garota de programa estava fraco. (DÍAZ-BENÍTEZ; 2009: p. 575)

Ambas as concepções em debate, surgidas em função do combate ao moralismo, acabam caindo na mesma armadilha de pensamento que criticam. A primeira, das feministas radicais, defendia uma política não menos normativa e impositiva que a política do New Right ao condenar indiscriminadamente toda e qualquer forma de

pornografia, sem levar em conta nenhuma possibilidade de que a arte pornográfica possa, de fato, ser libertadora.

A concepção das feministas menos radicais revela, por sua vez, um moralismo mais sutil, mas também comprometedor. A mesma crítica que fazia às feministas radicais pode ser atribuída à sua concepção de maneira circular. Uma vez que esta compreende a sexualidade de maneira desligada da realidade, ou mais especificamente a questão de gênero separadamente do contexto histórico-social em que está inserida, promove a sexualidade a um patamar elevado na trama social, dá a ela um valor especial, de maneira paralela, por exemplo, à moral cristã, que envolve o sexo com uma aura sacra. Em defesa destas posições do feminismo características das décadas de 70 e 80 é preciso dizer que não fizeram a experiência que nós podemos fazer hoje com o desenvolvimento dos meios de comunicação, que são determinantes e imprescindíveis ao entendimento e à discussão sobre as identidades sexuais e sobre a pornografia na atualidade.

Foucault também dá um grande aporte à esta discussão quando define, em sua “Microfísica do Poder”, os mecanismos de controle repressão/controle estimulação. Em sua obra parecem estar incluídas e articuladas as duas visões feministas antagônicas, em um apanhado dialético sobre aquele debate acerca da pornografia. A idéia de que esta mídia funciona na lógica do ‘controle estimulação’ parece concordar, ao menos formalmente, com o posicionamento das feministas menos radicais, que entendem a pornografia como um veículo da livre expressão das diferenças sexuais – embora não defendessem todos os tipos de pornografia. Parece mesmo razoável supor que a disseminação das práticas sexuais retratadas na mídia pornográfica leva a uma aceitação e uma desconstrução da antiga moralidade sexual. Por outro lado, não se pode deixar de notar que, para Foucault, esta é, nas suas entrelinhas, mais uma estratégia do poder de, através de outro mecanismo – o do estímulo –, controlar os corpos explorando-os e mantendo a ordem do *status quo* – qual seja a dominação da mulher pelo homem. Usando o corpo como exemplo para explicar a evolução dos mecanismos de controle, Foucault diz que

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo,

encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle repressão, mas de controle estimulação: 'Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!' (FOUCAULT; 1998: p. 147)

É preciso, portanto, adotar uma terceira posição alternativa às aqui expostas, que fuja de fato do moralismo, para se analisar a pornografia na atualidade. É imprescindível e urgente, para tanto, colocar nesta discussão o fator do mercado que, ao se impor sobre a pornografia, muda radicalmente as características da sua produção. Também é indispensável pensar a questão do gênero como inseparável da questão de classes sociais. Muitos teóricos fazem uma análise separada destes campos da sociedade, dando ênfase, por exemplo, ao fato de mulheres estarem também envolvidas na cadeia de produção e de consumo da pornografia – o que, do ponto de vista formal, poderia rebaixar o entendimento de que estas obras disseminem práticas opressoras. Se a mulher também consome e produz pornografia, ela não estaria consentindo com aqueles valores? Isto não poderia significar que estas obras não são assim tão opressoras?

Para além da questão já apresentada aqui sobre a fragilidade do argumento do consentimento, é preciso compreender que não se trata de uma disputa entre gêneros, embora a forma deste conflito possa sugerir esta visão. Para compreender melhor esta questão é preciso responder à pergunta: porque existem a opressão e a exploração da mulher na sociedade? Alguém ou algum grupo se beneficia com esta opressão? Quem são estes grupos ou indivíduos? As respostas a estas perguntas parecem apontar muito mais para um choque entre posições sociais que posições de gênero. Portanto, a possibilidade de que a pornografia se construa nos marcos da exploração e da opressão da mulher, ou do machismo, não significa propriamente que os homens, enquanto gênero, estejam por trás desta característica, que tem raízes essencialmente políticas e econômicas como será demonstrado adiante.

O mercado é diretamente responsável pela queda do caráter libertador da pornografia. A arte pornográfica concebida durante a história da humanidade tinha, muitas vezes, como um de seus desdobramentos sobre a sociedade, a colocação em xeque de valores vigentes e naturalizados até então. Goethe pode ser tomado como exemplo desta afirmação. Filho de burgueses afigados, sofreu na universidade forte influência de seu mestre Herder, que opunha à artificialidade do gosto néo-clássico, a "naturalidade" bravia e/ou popular de Homero, Shakespeare, Ossian e dos cantos

folclóricos. Entre 1788 e 1790 foi ministro da Coroa do estado de Weimar. Nesta mesma época produziu seus "Epigramas Venezianos" – que, coincidência ou não, só chegaram ao conhecimento público em 1907. De sua posição distinta na sociedade, mesmo com a moralidade que circundava o sexo e culpabilizava a sexualidade, escreveu em um de seus epigramas: "Não vos irrite, mulheres, admirarmos as moças:/Gozais de noite o que elas de dia excitam."<sup>11</sup>

É um atentado incontestado à moral vigente naquela sociedade, especificamente ligado à sexualidade, e que de certa maneira – embora se possa dizer que há um caráter fortemente machista nos versos – incita a libertação sexual da mulher. É importante notar que, sendo uma produção essencialmente artística, é fruto do que Sanchez Vazquez chama de práxis artística. Ele explica que a arte, a atividade criadora por excelência, possui certas características. Em primeiro lugar, ela apresenta um caráter unitário. Nela o subjetivo e o objetivo se articulam de forma orgânica; há uma unidade entre o conteúdo como fato psíquico e a forma que se dá a esse conteúdo.

Como toda a práxis, a criação artística é também um processo imprevisível. A atividade do artista tem algo de aventura. Só ao final do processo criador que desaparece essa indeterminação. No terreno da arte ninguém pode determinar a priori as leis do objeto artístico, pois isso seria o mesmo que criar em conformidade a uma lei ou norma exterior à própria criação, o que é incompatível com a verdadeira práxis criadora. A obra de arte nada mais é do que o desenvolvimento de uma lei única que preside o processo criador, mas essa lei tem que ser criada com a própria criação artística. Por isso ela só existe como um produto único e irrepetível. (VÁZQUEZ, 1977)

À diferença do pequeno poema de Goethe, a pornografia contemporânea, voltada para o mercado, é marcada pela tônica midiática e construída a partir da chamada práxis reiterativa. Sanchez diz que a práxis reiterativa é justamente a práxis mecânica em que a lei de formação do objeto é conhecida de antemão: é o desenvolvimento de uma lei externa ao processo de criação, é orientada por uma lógica exterior ao processo - a lógica do lucro. A forma, que na práxis criadora é determinada dialeticamente pelo conteúdo, aparece, na práxis imitativa, como fórmula, cujo conteúdo foi petrificado. Como na indústria cultural, a produção em série da obra, a

---

<sup>11</sup> Zürnet nich ihr Frauen, das wir das Mädchen bewundern: ihr geniesset des Nachts, was sie am Abend erregt.<sup>11</sup>

reprodução mecânica, infinita da forma se realiza mediante a negação do papel do conteúdo. É descartada a imprevisibilidade, a unicidade e a irrepetibilidade do processo de criação. (VÁZQUEZ, 1977)

Aquele debate parece, portanto, não se aplicar mais à atualidade. Embora seja necessário reconhecer e ter em conta a existência de um fazer pornográfico contestador, que questiona e subverte a posição da mulher na sociedade, não é esta a característica da pornografia contemporânea. A apropriação da arte pornográfica pelo mercado retira dela qualquer vestígio de seu caráter libertador. A mídia pornográfica tem como finalidade principal a geração de lucro, de ibope e a valorização de sua publicidade, do ponto de vista econômico; e a ratificação dos valores dominantes sobre o papel da mulher na sociedade, do ponto de vista político. Ao contrário da forma artística, que é obrigatoriamente imprevisível, a mídia pornográfica – sendo um veículo de comunicação de massas – tem uma fórmula rígida anterior à própria produção. Não é possível extravasá-la uma vez que existe o risco de que o público, absolutamente condicionado às formas vigentes, possa se desagradar. A pornografia gera, como qualquer narrativa ou discurso, visões de mundo, tipos de gosto, identificações positivas e negativas, certas mentalidades e, também, demandas que retroalimentam esta fórmula.

Mesmo no gênero de pornografia e do mercado de sexo sado-masoquista, onde muitas vezes o homem é retratado ou colocado em uma posição de submissão, o caráter subversivo da ordem social masculina é bastante discutível. Adriana Piscitelli, falando do mercado sado-masoquista e explicando o ponto de vista de Anne MacKintock, autora do campo da pornografia, diz que

Segundo MacKintock, os limites de gênero e classe aparecem aqui [no sado-masquismo] abertos à invenção e transfiguração. Contudo, o contexto nunca desaparece: ele oferece os elementos a serem encenados e revertidos e a ele se retorna novamente. Aliás, MacKintock utiliza o exemplo do S/M [sado-masquismo] para afirmar que traz a um limite à promessa libertária de que a agência individual é suficiente para resolver os dilemas sociais. Em sua interpretação do sexo, o contexto social e político, para além do indivíduo, são de crucial importância. Segundo a autora, mesmo dentro do marco do dinheiro e da fantasia controlados do sado-masquismo comercial, os homens entregam o poder às mulheres apenas temporariamente, mantendo o controle fora desse marco limitado; as contradições podem ser negociadas mas não necessitam ser resolvidas, porque as fontes desse paradoxo estão além do individual. (PISCITELLI; 2005: p. 21)

A fonte desse aparente paradoxo, em última análise, está na ordem social que é determinada e está em função dos valores masculinos. O exemplo do sado-masiquismo utilizado por MacKintock demonstra que, mesmo quando o homem está submisso na relação sexual, é por sua própria vontade, para satisfazer os seus próprios desejos, é o homem quem detém a última palavra sobre a relação dominador/dominado – sem deixar de ter em conta que trata-se, neste caso, de uma fantasia, uma encenação, e não uma relação prática cotidiana. É notável também que a situação aparentemente inversa aí descrita não se traduz na sociedade de maneira geral. Este entendimento parece concordar e mesmo esmiuçar o dito popular que corre entre os homens de que "a mulher tem que ser dama na sociedade e puta na cama". Da mesma maneira, pode ser dominadora na cama, mas submissa na sociedade, tudo de acordo com a ordem social masculina. Sobre a força desta ordem, Bourdieu, em seu livro "A Dominação Masculina", diz que

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU; 2002: p.16)

No limite, a ordem social masculina e o sistema político-econômico vigente colocam, em função das necessidades específicas de cada contexto físico-temporal, a mulher no papel onde ela desempenhe a função que seja mais conveniente à manutenção desta mesma ordem. Portanto, a pornografia comercial, funcionando pelo mecanismo de controle estimulação descrito por Foucault e adequando o papel feminino ao contexto específico onde se insere, ratifica simbólica e como consequência,

materialmente, a submissão da mulher ao homem na sociedade contemporânea, ainda que formalmente possa denotar uma pretensa libertação desta ordem.

## 2.4 – Recorte da pornografia

Há na literatura sobre a pornografia uma grande quantidade de conceitos e recortes sobre o que pode ou não ser considerado pornografia. Estes recortes, em geral, se aplicam e estão adaptados a diferentes debates e abordagens sobre a pornografia. A caracterização de Maria Filomena Gregori, por exemplo, tem como foco a intenção por trás da expressão, definindo pornografia como "expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais". (GREGORI; 2004: p. 236)

No mesmo sentido vai a definição de Peter Wagner, autor do livro *"Eros revived: erotica of the Enlightenment in England and America"*, que considera pornografia "a representação realista, escrita ou visual, de órgãos genitais ou condutas sexuais, que implica transgressão deliberada da moral e dos tabus sociais existentes e amplamente aceitos". (WAGNER apud. HUNT; 1999, p. 26)

Estas definições não podem, portanto, ser aplicadas à grande maioria da produção de pornografia moderna dos últimos anos. Novamente é preciso compreender que, se por um lado, a pornografia denota práticas sexuais que rompem o limite imposto pelos costumes e pela moral, não há outra intenção por parte dos grandes produtores que não seja o lucro. O foco na intenção transgressora das obras pornográficas impede que estas definições sejam utilizadas na análise da sua produção atual.

Estudos oriundos das ciências da saúde, que investigam inclusive a ligação entre o consumo da pornografia e a violência contra a mulher, partem de definições mais abrangentes, como "material sexualmente explícito com a intenção de criar excitação sexual no receptor"<sup>12</sup> (HALD et alli; 20140: p. 16). Esta intenção pode estar abarcada pelas definições que levam em conta a transgressão, mas não o contrário.

Andrea Dworking e Catharine MacKinnon, feministas radicais, têm uma definição mais completa, embora também se possa dizer que parte de caracterizações que podem ser consideradas subjetivas. É, no entanto, uma definição contundente no

---

<sup>12</sup> "sexually explicit materials intended to create sexual arousal in the receiver"

sentido de proteger a mulher da violência sexual, de que as autoras consideram a pornografia um grande agente. Segundo elas, pornografia é

A representação gráfica de subordinação sexualmente explícita de mulheres, seja em fotos ou textos, que também inclui um ou mais dos seguintes: (i) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais, coisas ou mercadorias; ou (ii) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais que gostam de dor ou humilhação; ou (iii) as mulheres são apresentadas desumanizadas como objetos sexuais que experimentam o prazer sexual em serem estupradas; ou (iv) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais amarradas ou cortadas ou mutiladas ou machucadas ou fisicamente feridas; ou (v) as mulheres são apresentadas em posições de submissão sexual, servidão ou de exposição; ou (vi) partes do corpo da mulher – incluindo mas não limitado a vaginas, seios e nádegas – são expostos, de forma que as mulheres são reduzidas às partes; ou (vii) as mulheres são apresentadas como prostitutas por natureza; ou (viii) as mulheres são apresentadas sendo penetradas por objetos ou animais; ou (ix) as mulheres são apresentadas em cenários de degradação, lesão, tortura, mostrada como imundas ou inferiores, sangrando, feridas ou machucadas em um contexto que torna essas condições sexuais.<sup>13</sup>  
(MACKINNON; 2000: p. 185)

Há, nesta definição, uma centralidade na posição da mulher enquanto objeto sexual de prazer do homem. Além disso, é curioso que esta definição, escrita por volta de 1983, não incluía também a filmografia, embora 'a representação gráfica' possa abarcá-la. A representação de mulheres como objetos, como coisas, é uma característica difícil de precisar e que pode dar margem a várias interpretações, mas que colocada no contexto geral da definição parece ser mais compreensível.

---

<sup>13</sup> " Pornography is the graphic sexually explicit subordination of women, whether in pictures or in words, that also includes one or more of the following: (i) women are presented as sexual objects, things or commodities; or (ii) women are presented as sexual objects who enjoy pain or humiliation; or (iii) women are presented dehumanized as sexual objects who experience sexual pleasure in being raped; or (iv) women are presented as sexual objects tied up or cut up or mutilated or bruised or physically hurt; or (v) women are presented in positions of sexual submission, servility or display; or (vi) women's body parts – including but not limited to vaginas, breasts and buttocks – are exhibited, such that women are reduced to those parts; or (vii) women are presented as whores by nature; or (viii) women are presented being penetrated by objects or animals; or (ix) women are presented in scenarios of degradation, injury, torture, shown as filthy or inferior, bleeding, bruised, or hurt in a context that makes these conditions sexual"



Há também definições mais técnicas, que não levam em conta intenções ou recepção, mas que dão conta exclusivamente do caráter imagético da pornografia, entendendo-a, por exemplo, como a representação minuciosas do corpo e das práticas sexuais para o deleite sensorial (DIAZ-BENITEZ; 2009)

A pornografia é também dividida em uma série de gêneros, passando por inter-racial, com pessoas negras e brancas fazendo sexo, alternativo com uma série de modalidades – desde uso de objetos até sexo com animais, sexo com mulheres mais velhas, sexo com mulheres muito jovens (atrizes com 18 anos mas com atitudes e semblantes de adolescentes), sadomasoquismo, homossexual, grupal e orgias, entre outros. Algumas destas categorias se encaixam na pornografia chamada *mainstream*, que tem padrões bem definidos. Eles são ilustrados por Carolina Parreiras, em artigo denominado "Just Click Here: notas sobre gênero e sexualidade em práticas e corpos ciber-pornô":

A fórmula e o script são basicamente os mesmos: filmes heterossexuais ou lésbicos para homens; centralidade do sexo anal; apagamento do homem, que se resume ao pênis (na grande maioria dos vídeos, não aparece nem mesmo o seu rosto); obrigatoriedade do gozo, observável pelos gemidos e outros sons geralmente femininos e pelo pênis que ejacula – o chamado money shot – em direção a câmera e preferencialmente no rosto da atriz. (PARREIRAS; 2010: p. 8)

Em seu artigo ela analisa quatro grandes sites de pornografia gratuita, que estão à disposição de qualquer usuário da internet, e diz que "de modo geral, há uma reiteração da lógica encontrada nos filmes de grandes produtoras *mainstream*, com o foco em corpos, posições sexuais, prazeres e desejos que seguem um roteiro muito claro".

Para traçar uma definição de pornografia que atenda às necessidades deste trabalho, é preciso enxergar que há, embora formalmente possa parecer que não, uma intertextualidade entre todas as definições transcritas acima. O recorte que utilizado aqui será, portanto, um apanhado entre estas definições somadas a novos enquadramentos.

Em primeiro lugar, o traço principal da pornografia que será aqui referenciada é seu caráter mercadológico, é a mídia pornográfica realizada com fins lucrativos. Ela é característica da veiculação pela internet - tanto em sites pagos como em sites gratuitos, que em geral disponibilizam obras de produtoras *mainstream*, ou em pequenos vídeos

para divulgar seu material, ou integralmente inseridos ali por usuários. Dentro destas, inserem-se as características dos filmes *mainstream*, aqui já mencionadas, e a representação da mulher como objeto sexual – quando seu corpo é utilizado em função do prazer do homem. A significação destes filmes se esgota na superexposição dos corpos, sem nenhum espaço para a reflexão sobre o ato, narrativas ou mesmo para a sensualidade.

É indispensável ter em conta que esta pornografia não é uma mera representação simbólica. Sendo uma produção midiática, produz também um discurso que constrói e molda a realidade e por ela é construído, como atesta . Portanto, para a elaboração deste trabalho, é preciso subverter as definições mais aceitas para a pornografia e colocar antes da intenção de excitação sexual, a intenação do lucro, entendendo aquela subordinada a esta. O mecanismo de funcionamento desta pornografia é justamente este: gerar a excitação sexual para que haja consumo e, conseqüentemente, lucro. O lucro é o fim e a experiência sensorial é o meio.

### 3. MACHISMO

“Nada causa mais horror à ordem do que mulheres que lutam e sonham”

José Martí

O poder da mulher sobre o mundo é realmente incalculável. Talvez uma boa maneira de tentar compreender esta magnitude seja através do contra-exemplo, buscando entender os motivos – e também os mecanismos – pelos quais a mulher é privada sistematicamente de sua condição plenamente humana. A diferenciação dos gêneros, apesar dos discursos mais proclamados e aceitos na sociedade, tem muito pouco de natural, de biológico. É, antes, da ordem do cultural, construção da sociedade que não pode ser atribuída ao acaso, ao desenrolar irrefreável da história ou a supostas superioridades inatas e essenciais de um ou outro sexo.

A antropologia, antes de ser revista e enquadrada em um tipo meramente descritivo de fazer científico, desligado do materialismo, proporcionou à humanidade descobertas avassaladoras a respeito da ordem social estabelecida. Elas tinham que ver com o papel de protagonismo da mulher nas sociedades primitivas e reverteram drasticamente o entendimento quase natural que se propaga até hoje em dia em relação à mulher.

Entender a evolução do papel da mulher na história da humanidade é imprescindível para postular sobre a configuração atual do mundo. Esta tarefa é também extremamente importante para analisar como a pornografia se utiliza do machismo para gerar a exploração da mulher e os lucros bilionários para os seus produtores. Este processo leva a uma compreensão inexorável de que, mais que uma questão de gênero, mais que uma questão de correlação de forças, a opressão feminina na humanidade é uma questão de classes.

#### 3.1 – A origem e a evolução do machismo

A ideia de que a humanidade nem sempre foi marcada pelas diferenças entre gêneros pode mesmo parecer estranha a um observador da sociedade contemporânea. Estas diferenças são uma característica tão intrínseca ao mundo atual que não classificá-las como pertencentes à ordem do natural pode realmente causar confusão. De fato, não é uma tarefa fácil especular o momento da história da humanidade em que a opressão da

mulher se tornou a práxis social, mas é razoável supor que este momento remonta a milênios atrás.

Evelyn Reed, uma comunista e lutadora contundente da causa feminina nos Estados Unidos, escreveu o livro "Sexo contra sexo ou classe contra classe", onde traça um panorama geral da evolução do entendimento da questão do machismo na sociedade. Segundo ela, o grande atraso histórico em relação à elaboração de uma historiografia autêntica sobre a mulher pode ser explicado pelas consequências que esta poderia ter para a sociedade.

Existem razões políticas para esta obstinada resistência. O descobrimento de que as mulheres nem sempre foram consideradas como o "segundo sexo", relegadas a um estado de inferioridade, senão que, ao contrário, desfrutaram de uma imensa capacidade criativa, social e cultural, continha implicações perigosamente "subversivas": ameaçava minar a supremacia, tanto do homem quanto do capitalismo. Pois, se era verdade que o sexo feminino tinha tido uma participação fundamental na sociedade comunitária primitiva, por que não iria poder fazer o mesmo na reconstrução das relações sociais, em um nível histórico mais elevado? Uma vez que as mulheres atuais, frustradas e rebeldes, tivessem compreendido o que suas antecessoras puderam realizar em dado momento, e qual havia sido a posição influente que possuíam, dificilmente se contentariam em permanecer no seu atual estado de inferioridade. As adeptas dos movimentos de liberação da mulher não somente se sentiriam reforçadas, senão muito melhor equipadas em sua luta pela abolição da sociedade capitalista que as humilha, e pela construção de uma nova sociedade, uma sociedade melhor, na qual todos os seres humanos e ambos os sexos fossem livres. (REED; 2008: p. 14)

Reed pontua as diferenças básicas entre a sociedade primitiva e a sociedade moderna, utilizando como base a obra de Engels, "O origem da família, da propriedade privada e do Estado". Segundo a autora, naquelas sociedades os meios de produção eram de propriedade comum e cada membro da comunidade trabalhava de forma igualitária, sem a existência, portanto de classes superiores e inferiores – esta seria, inclusive, a diferença que teria levado o antropólogo Lewis Henry Morgan, em sua obra "A sociedade antiga" a definir estas sociedades como sistemas de "comunismo primitivo".

Não existia também um aparato coercivo – exércitos e polícias que agiam como salvaguarda de uma classe rica – controlado por um Estado. Pelo contrário, se podia

encontra ali um sistema democrático, em que todos os membros eram iguais, inclusive as mulheres.

Além disso, a sociedade primitiva era de base matriarcal, tendo como unidade social a gens ou o clã materno. Não existia, no entanto, uma relação de dominação entre um sexo e outro. Logo, a unidade familiar também se mostrou inexistente da maneira como a conhecemos. Aquelas sociedades estavam organizadas em clãs onde as relações de parentesco definiam os membros de cada clã como irmãos.

Por fim, Engels, segundo Reed, sublinha o fato de que

quando não existiam essas instituições classistas, as mulheres ocupavam uma posição relevante, gozando de grande liberdade e independência, em flagrante contraste com o papel subordinado e degradante que lhes destinou a sociedade de classes. (REED; 2008: p. 26)

A descoberta destas gritantes diferenças entre aqueles sistemas igualitários e o sistema capitalista foram um duro golpe em algumas das mais sedimentadas tradições das sociedades modernas. A questão da ausência de propriedade privada, a existência do coletivismo, e principalmente o caráter matriarcal daquelas sociedades, negando a família patriarcal, subvertiam uma crença geral de que todo o sistema social sempre fora moldado nas mesmas bases das sociedades modernas.

Um dos argumentos mais recorrentes hoje em dia no que diz respeito a uma suposta inferioridade da mulher predica que ela se justifica devido a suas funções reprodutoras. A mulher, segundo esta visão, deve cuidar dos filhos e da casa, enquanto os homens devem estar na vida econômica, política e intelectual, o sexo superior. A utilização de bases biológicas para a submissão da mulher elevam as diferenças entre os sexos a uma categoria da ordem do natural. Desta maneira, sua justificativa goza de uma legitimidade muito grande, uma vez que suas bases estão além das vontades humanas. Ao mesmo tempo, a submissão em si torna-se um fator social inerente à natureza humana, e portanto não pode ser modificada. Esta visão, como se sabe, teve e ainda tem grande reconhecimento no seio da sociedade moderna, mas é preciso compreender que este entendimento é integralmente construído pela cultura, a partir de interesses e objetivos específicos das classes dominantes ao longo da história – os anatomistas do século XIX, como atesta Bourdieu, "tentam encontrar no corpo da mulher a justificativa do estatuto social que lhes é imposto, apelando para oposições tradicionais entre o interior e o exterior, a sensibilidade e a razão, a passividade e a atividade"

(BOURDIEU; 2002: p. 11). Sobre o caráter natural da diferenciação dos gêneros, Bourdieu diz:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípio de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU; 2002: p. 8)

O fato é que a historiografia foi operada de maneira a evitar que as mulheres tivessem acesso à própria história. Esta interpretação parece ser muito acertada se transposta para a análise da sociedade atual, onde a submissão da mulher está presente em toda a atmosfera social e não há qualquer questionamento sobre as origens, a raiz e os motivos deste fato.

Bourdieu, em "A Dominação Masculina" dá um grande aporte para este debate e parece concordar com Evelyn Reed ao dizer que

[...] é preciso realmente perguntar-se quais são os mecanismos *históricos* que são responsáveis pela *des-historicização* e pela *eternização* das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. Colocar o problema nestes termos é marcar um progresso na ordem do conhecimento que pode estar no princípio de um progresso decisivo na ordem da ação. Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo (estas noções abstratas sendo simples designações estenográficas de mecanismos complexos, que devem ser analisados em cada caso em sua particularidade histórica) é reinserir na história e, portanto, devolver à ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me

fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos). (BORDIEU; 2002: p. 3)

A igreja foi realmente uma das instituições que mais tentaram conservar a ideologia da predominância do homem sobre a mulher e também uma das mais atingidas pelas descobertas da antropologia em relação às sociedades antigas. Para a religião, a afirmação de que existiam comunidades primitivas há milênios atrás, por si só, constituía-se num duro golpe contra os preceitos cristãos, que afirmavam que a vida havia sido criada por Deus há cerca de cinco milênios. Além disso, o papel preponderante da mulher naquelas sociedades desautorizava o poder divino, constituído em uma figura masculina, e em vários dogmas da igreja católica que postulam aberta e francamente a submissão da mulher ao homem – aquela, inclusive, criada a partir deste.

O quadro da consciência em relação ao papel social da mulher talvez tenha começado a se modificar mais significativamente durante o século XVIII, embora os desdobramentos deste tímido progresso fossem realmente muito pequenos. Kate Millet, em seu livro "Política Sexual", aponta esta característica a partir de uma perspectiva de gênero, ao contrário de Evelyn Reed que entende a opressão da mulher como questão de classe. Millet diz que

"Desde o Iluminismo, o Ocidente sofreu várias modificações radicais no plano industrial, econômico e político. Mas cada uma, em certa medida, afetava apenas uma parte da humanidade. É particularmente desconcertante observar que as grandes modificações provocadas pela extensão do direito de voto e pelos progressos da democracia nos séculos XVIII e XIX, a redistribuição da riqueza, que era o objetivo do socialismo (e que teve até repercussões nos países capitalistas), e, finalmente, as grandes alterações efetuadas pela Revolução Industrial e pelo surto da tecnologia, não tiveram, e até certo ponto não têm hoje, senão um efeito marginal e contingente na vida daquela maioria da população constituída por mulheres. O conhecimento deste caso deve chamar-nos a atenção para o fato de que as distinções sociais e políticas não estão baseadas na riqueza ou na posição social, mas no sexo. Porque é evidente que a base da nossa civilização é o patriarcado" (MILLET; 1974: p. 13)

A década de 1830 deve ser destacada por sua grande importância histórica na questão da organização das mulheres. Na Inglaterra, durante esta década, se iniciou o movimento reformista que conquistou, entre outras coisas, a ampliação do sufrágio a

grupos minoritários e excluídos, e a investigação a respeito das condições de trabalho das mulheres, que levou a uma série de melhorias. Sobre estas condições, Millet transcreve o testemunho de uma inglesa trabalhadora em minas de carvão em fins do século XIX.

Tenho um cinto à volta da cintura e uma corrente que me passa entre as pernas, e caminho sobre os pés e as mãos. O terreno é muito escarpado e temos que nos segurar a uma corda, e quando não há corda, a qualquer coisa que nos possamos agarrar. [...] A mina é muito úmida no sítio onde eu trabalho e a água está sempre a entrar-me nos tamancos e chega mesmo a subir até às pernas; a água está sempre a pingar e a minha roupa fica molhada durante quase todo o dia. À noite, quando chego a casa, sinto-me muito cansada; às vezes adormeço antes de me lavar. Já não sou tão forte como era, e não agüento o trabalho tão bem como costumava. Puxei até não agüentar mais. O cinto e a corrente são ainda piores quando se espera um filho. O meu marido já me bateu muitas vezes por estar atrasada. A princípio eu não estava habituada e ele tinha pouca paciência. Já vi muitos homens baterem nas suas gravadoras. (MILLET; 1974: p. 22).

A autora ainda adiciona, em nota, a descrição de Wanda Neff, autora de "*Victorian Working Women*" sobre o trabalho. Ela diz que

as gravadoras puxavam o churrião atrás delas em sítios demasiado baixos para se poder utilizar cavalos, transportavam às costas carregamentos de carvão pesando entre 50 e 150 libras durante doze, catorze ou dezesseis horas por dia, e por vezes, em casos extremos, durante trinta e seis horas. (NEFF apud. MILLET; 1974: p. 22)

Em 1837, foi constituída a primeira convenção feminina anti-escravagista na América. Esta foi a primeira oportunidade de organização política das mulheres, que culminou em 1948 com a reunião de Sêneca Falls, em Nova York. Esta foi a primeira vez em que as mulheres se organizavam em sua própria defesa. (MILLET; 1974)

Nos dois países as mulheres lutaram em seguida por reformas legais no tangente aos direitos da mulher naquelas sociedades. A conquista desta reforma no estatuto legal das mulheres, entre os anos de 1850 e 1880, é uma das mais importantes realizações do movimento feminista.

Segundo o direito comum que prevalecia em ambos os países no início do período, a mulher, com o casamento, 'morria aos olhos da lei', perdendo todos os seus direitos,



como acontece aos criminosos ao entrar para a prisão. Perdia o *controle* sobre seus rendimentos, não lhe era permitido escolher o seu domicílio, não podia administrar bens que lhe pertenciam legalmente, assinar papéis ou servir de testemunha. O marido possuía tanto a sua pessoa como os seus serviços, podia alugá-la (e alugou-a) de qualquer modo que lhe aprouvesse e guardar o lucro. Era-lhe permitido processar alguém por dinheiro a ela devido, e confiscá-lo. Tudo o que a mulher adquirisse pelo seu trabalho ou herdasse sob tutela tornava-se propriedade legal do marido. Com exceção do direito de propriedade, as mulheres solteiras tinham quase tão poucos direitos legais como as casadas. (MILLET; 1974: p. 17)

Como se pode ver, a mulher sofria uma exploração econômica, corpórea, política e social. Não tinha nenhuma representatividade de sua própria figura e estava totalmente submetida ao homem, fosse ele seu marido ou não. Outro depoimento contundente de uma operária, desta vez de Nova York, aponta para um entendimento classista da opressão da mulher. Ela, que não é nominalmente identificada, diz

Nas fundições há mulheres a trabalhar despidas até à cintura, por causa do calor. No entanto, o Senador nada diz quanto à perda de encanto destas mulheres [...] claro que não ignoram que a razão pela qual as empregam nas fundições é que a elas pagam-lhes menos e trabalham mais do que os homens. Por exemplo, nas lavanderias, as mulheres estão em pé durante treze ou catorze horas, sob um vapor e calor terríveis, com as mãos mergulhadas em goma quente. Certamente que estas mulheres não perderão mais rapidamente a sua beleza e encanto pelo fato de votarem uma vez por ano do que pelo fato de permanecerem nas fundições e lavanderias durante todo o ano. Não há contenda mais violenta do que a contenda pelo pão diário, deixem que vos diga. (MILLET; 1974: p. 21)

Em relação à sexualidade da mulher, Millet afirma que entre 1830 e 1930 não houve nenhum avanço em direção à liberalização. Pelo contrário, nesta época a repressão sexual era muito forte, pois a mulher 'libertina' perdia toda a sua reputação social e enfrentava ainda os perigos de uma gravidez 'ilegítima', ou seja, com uma pessoa com quem não estivesse casada. Só a partir da década de 30 é que as mulheres, e também os homens, experimentaram uma crescente liberdade sexual. Kate Millet, no entanto, atribui este movimento em direção à uma maior liberalização ao aperfeiçoamento técnico em matéria de contraceptivos e à sua difusão, e não a uma modificação na mentalidade social. (MILLET; 1974)

A questão dos filhos ilegítimos é realmente de grande importância na questão da opressão sexual da mulher. Evelyn Reed, tratando das sociedades primitivas, afirma que não existia neste período uma preocupação com a filiação legítima, e que a mãe, ao ter seus filhos, não perdia sua liberdade ou sofria restrições graves. Estas características, ao subverterem o atual papel da mulher e também atentarem contra os preceitos da família, foram amplamente combatidas quando descobertas. Reed diz que

Outro aspecto da vida primitiva difícil de ser aceito pelos conservadores, é o fato de que os primitivos não sabiam e não se preocupavam em saber quem era o pai de cada filho que nascia. Os filhos não eram uma propriedade como os demais artigos de propriedade privada, nem era estranhos uns aos outros, de acordo com sua riqueza, classe ou raça de suas famílias. (REED; 2002: p. 30)

Este panorama da paternidade se modificou com a ascensão da sociedade de classes. Conforme a acumulação de riquezas se constituía como o modelo de desenvolvimento econômico, a filiação legítima precisava ser garantida, uma vez que agora existia a questão da transmissão da herança. Agora, segundo Reed, "a propriedade era somente do pai individual, e era transmitida, dentro da linhagem familiar, de pai para filho." (REED; 2002: p. 42). Ainda segundo a autora,

o domínio e o poder do homem não derivam de nenhuma superioridade biológica, física ou mental do macho sobre a fêmea, e sim das exigências sócio-econômicas de sua recente aquisição do monopólio da propriedade, e de sua transmissão através da linhagem de descendência masculina. (REED; 2002: p. 42)

O homem precisava garantir, portanto, que o filho que sua mulher gestava era de fato seu. Engels, em sua obra "A origem da família, da propriedade privada e do estado", corrobora este entendimento ao dizer que

Esta forma de família assinala a passagem do matrimônio indiásmico á monogamia. Para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito. (ENGELS; 1991: p. 62)

### **3.2 – Machismo na atualidade**

Guardadas as devidas diferenças formais entre a exploração da mulher no período apontado acima e na atualidade, o panorama conjuntural da situação da mulher na sociedade não parece ter mudado muito. A permanência destas condições pode ser

atribuída à necessidade do sistema capitalista de manter a mulher sob o jugo da opressão, o que se constitui em uma maneira de superexplorar a sua força de trabalho – como se pode perceber no segundo testemunho de uma operária transcrito acima –, mas também pode ser explicada pelo caráter e pelos meios de sedimentação da diferenciação de gêneros. A tradição da sociedade está permeada de maneira tão profunda pelo entendimento de que a mulher deve ser submetida ao homem que a mudança deste paradigma se torna uma tarefa realmente árdua. Pierre Bourdieu explica o poder desta ideologia quando diz que

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU; 2002: p. 15)

A mulher, hoje em dia, continua sendo explorada em seus locais de trabalhos, recebendo salários menores que os homens em postos similares, continua sendo vítima de enorme violência doméstica e de gênero, segue tendo jornadas de trabalho maiores ao assumir o cuidado da casa e dos filhos, ou seja, em comparação com o homem, o papel da mulher na sociedade continua sendo rebaixado. Isto não quer dizer, como poder parecer, que há aí uma questão estritamente circunscrita ao gênero. Na realidade, é preciso entender a questão do machismo a partir da conjuntura. Desta forma, chega-se a conclusão de que a opressão da mulher é, de fato, uma questão classista. Pode-se chegar a esta conclusão analisando primeiramente os fins. Os homens, enquanto gênero, não retiram da exploração da mulher grandes vantagens. Pelo contrário, ao promover o machismo, enfraquecem uma parcela grande da resistência aos modos de vida impostos pelo capitalismo. A opressão da mulher, em última análise, vem beneficiar as classes favorecidas, porque desta exploração retiram mais lucros e fundamentalmente porque, através da promoção da opressão na sociedade, dividem as classes baixas entre homens e mulheres e fragmentam os movimentos de emancipação das classes trabalhadoras.

No entanto, na questão da sexualidade, houve uma mudança significativa no entendimento da sociedade de poucos anos para cá. Bourdieu diz que

É, evidentemente, porque a vagina continua sendo constituída como fetiche e tratada como sagrada, segredo

e tabu, que o comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum quanto do Direito, que literalmente exclui que as mulheres possam escolher dedicar-se à prostituição como a um trabalho. Ao fazer intervir o dinheiro, certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência. (BOURDIEU; 2002: p. 24)

Essa caracterização não parece ser acertada se levamos em conta a existência de uma pornografia de massas amplamente divulgada, onde as partes genitais da mulher são minuciosamente expostas e exploradas, sem espaço para algum caráter minimamente sagrado. Na realidade, tampouco se pode falar em uma libertação da vagina, porque na prática, ela continua servindo ao homem, e não ao próprio prazer da mulher, o que era a finalidade mesma daquela sacralidade. No entanto, é preciso compreender que ela agora serve, mais que ao homem, ao mercado e à perpetuação da submissão e da exploração da mulher – com a vantagem de que, formalmente, a pornografia pode denotar uma pretensa libertação feminina.

Isso não significa a libertação da sexualidade. A mulher segue totalmente submissa ao homem e não há sequer a correlação do prazer. A pretensa liberação sexual da pornografia não está ligada ao exercício do prazer pela mulher, mas à realização do prazer do homem e ao acúmulo de riqueza pelos produtores pornográficos, e agora sem os tabus da exploração do corpo – que é, mais que nunca, um objeto do homem, um objeto do qual ele tem pleno domínio. O fato de agora serem possíveis toda a sorte de práticas que antes eram condenadas pela moral como “depravação” – o que pode ser, neste contexto, equivocadamente entendido como liberdade sexual – não se traduz em vantagem para a mulher.

Ao longo da história da humanidade fez sentido que a sexualidade da mulher estivesse em uma posição de submissão ao homem, e que as práticas sexuais, pelo lado da mulher, tivessem a carga da castidade como suas delimitadoras. Na origem da família, a submissão da mulher ao homem se dá pela necessidade de que este possa assegurar-se de sua paternidade e entregar suas posses a seu filho legítimo. Por conta deste fator, surgiram os tabus, os mitos, a naturalização dos valores sexuais, que trazem a permissividade ao homem e o embaraço à mulher. Com o advento dos métodos contraceptivos, que separam o sexo da atividade reprodutora e liberam as mulheres para

terem relações sexuais com os homens sem as obrigações do matrimônio – a mulher continuando a ser estigmatizada pelo sexo casual, freqüente ou com vários parceiros diferentes – e, principalmente, com as técnicas de identificação da paternidade, este critério deixa de fazer sentido na sociedade contemporânea. Sem a necessidade do monopólio do sexo da mulher, o mercado percebeu que o corpo feminino e sua sexualidade poderiam ser explorados de uma maneira nunca antes realizada.

Se antes a pornografia preocupava-se em não promover a liberalização do corpo sexual da mulher, mantendo o tabu sexual em torno dela, agora, sem esta preocupação, o mercado pornográfico se aproveita do máximo da liberalização do sexo, transpondo a barreira entre o sexual e o agressivo, para explorar economicamente o corpo da mulher.

#### 4. PORNOGRAFIA E CAPITALISMO

*“Women are much more understanding and aware of their true purpose in life than ever before. That purpose, of course, is to be receptacles of love; in other words, fuck dolls.”*

– Max Hardcore, produtor de pornografia

A fala acima transcrita parece ilustrar bem qual é a ideia que um grande produtor de pornografia faz do papel da mulher na sociedade. Não é coincidência que os valores implícitos nestas obras, voltadas para o mercado e para o consumo, com a finalidade última do lucro, sejam constitutivos e constituídos pela opressão da mulher. É preciso entender que o lugar social rebaixado da mulher em relação ao homem não é uma casualidade histórica, não é uma coincidência e não permanece na ordem social por obra de fenômenos naturais e tampouco por características essenciais dos seres humanos. Há, por trás deste indiscutível traço da nossa sociedade, interesses e processos que daí retiram grandes vantagens.

A grande mídia pornográfica está propondo novas formas de sexo que antigamente eram condenadas pela moral. É, em certo sentido, uma violação do instituído socialmente, mas é o corpo feminino o lugar desta violação, ele próprio é violado e a mulher não tira daí nenhuma vantagem. No limite, a mulher não pratica essa violação porque trata-se do prazer masculino, de buscar nesta transgressão a realização do homem.

##### 4.1 – Pornografia contemporânea e exploração da mulher

O site "Gag Me Then Fuck Me", uma página de pornografia por assinatura que se encaixa perfeitamente no recorte deste trabalho, exibe um banner na página inicial com alguns rostos de mulheres em semblantes de horror praticando sexo oral (não é possível mesmo ver totalmente a genitália masculina, a imagem é focada nos rostos) e abaixo closes muito próximos de penetrações sexuais, na vagina e no ânus, algumas imagens com mais de um pênis. É um mosaico de rostos bizarros com bundas, vaginas e pedaços de pênis à mostra, com o carimbo do título do site, acompanhado do subtítulo

"vídeos exclusivos de garotas gostosas sufocadas, fodidas e preenchidas com esperma"<sup>14</sup>. Abaixo desta imagem, está a descrição do site:

Você sabe o que dizemos para coisas como romance e as preliminares? Nós dizemos que se foda! Este não é um outro local com pauzinhos meio eretos tentando impressionar umas putas. Pegamos lindas cadelas jovens e fazemos o que todo homem REALMENTE gostaria de fazer. Fazemos elas sufocarem até sua maquiagem começar a escorrer, e então elas ficam com todos os outros furos doloridos – vaginal, anal, duplas penetrações, qualquer coisa brutal envolvendo um pinto e um orifício. E, então, lhes damos um banho pegajoso!<sup>15</sup>

Este site oferece planos de associação para se ter acesso a todo o material pornográfico. Destes, o melhor custo benefício é o da assinatura que permite o acesso por 90 dias pelo preço de US\$ 59,98. No entanto, uma busca no site XVIDEOS.COM, um dos sites gratuitos analisados por Carolina Parreiras (2010) em seus estudos, com o termo "gag me than fuck me" encontra uma série de resultados. São vídeos do site pago disponibilizados gratuitamente – ou por usuários ou pela própria produtora, para divulgação. No XVIDEOS há um sistema de classificação de cada vídeo, a partir da pergunta 'você gosta desse vídeo?' e das respostas 'sim' ou 'não', e com esta enquete, uma porcentagem de aprovação é atribuída ao vídeo.

Os filmes do "Gag Me Then Fuck Me" disponíveis no XVIDEOS têm altíssimos níveis de aprovação, em média mais de 90%, o que demonstra que os valores e práticas ali retratados são muito bem aceitos e aclamados pelo seu público. Um destes vídeos, denominado "*Hillary Scott* [o nome da atriz] *gag me then fuck me*" começa com a

---

<sup>14</sup> "exclusive videos of hot babes gagged, fucked and cum filled!" - a palavra 'gag', de onde deriva 'gagged', pode ser interpretada da maneira como acima está traduzida (sufocar). No entanto, seu significado mais comum é 'mordança', o que neste caso seria uma alusão à impossibilidade da fala devido à presença de um ou mais pênis na boca da mulher. A palavra gagging, contudo, também designa o sentimento de náusea e ânsia de vomito, que são flagrantes nas cenas de sexo oral da pornografia de que tratamos aqui. Disponível em <http://www.gagmethenfuckme.com/>. Acesso em 30/10/2011.

<sup>15</sup> "Do you know what we say to things like romance and foreplay? We say fuck off! This is not another site with half-erect weenies trying to impress bold sluts. We take gorgeous young bitches and do what every man would REALLY like to do. We make them gag till their makeup starts running, and then they get all other holes sore – vaginal, anal, double penetrations, anything brutal involving a cock and an orifice. And then we give them the sticky bath!" - aqui a interpretação da palavra gag como ânsia de vomito parece ainda mais acertada. Disponível em <http://www.gagmethenfuckme.com/>. Acesso em 30/10/2011

protagonista em close dizendo "eu sou uma menina suja chupadora de pênis. Eu gosto de pôr pênis grandes, gordos e duros no fundo da minha garganta. Eu gosto de ter minha pequena e bela boca recheada."<sup>16</sup> Durante os segundos seguintes, ela continua dizendo algumas obscenidades, coloca a mão inteira dentro da boca, cospe no próprio corpo. Surge então, vindo de fora do enquadramento da câmera, um homem que é retratado apenas da cintura para baixo. Sem qualquer diálogo, ele violentamente faz com que a mulher se ajoelhe no chão faça sexo oral, com muita força, ao ponto de ela quase vomitar – ela tosse, se engasga, cospe grandes quantidades de uma saliva densa, lacrimeja e, enquanto o homem manda ela não parar, ela mesma pede mais. Ao final de três minutos, ela tem seu rosto e os cabelos totalmente sujos desta saliva, os olhos cheios de lágrimas e dá gargalhadas entre as incursões sufocantes do pênis do seu parceiro à sua boca e garganta. De repente, já no quarto minuto de vídeo, começa uma penetração vaginal violenta que é interrompida no sexto minuto para mais uma sessão de sexo oral sufocante e violento.

Desta vez o homem pede pra que ela sufoque e ela pede para sufocar. Para tanto, durante a penetração bucal, o homem segura e fecha o nariz da atriz, o que se repetirá várias vezes depois. A cena é cortada no meio e recomeça com outra posição sexual e daí em diante, vão se intercalando cenas de sexo violento oral, vaginal e anal durante 27 minutos. Algumas vezes o homem chega a pisar no rosto da mulher durante o ato sexual. Ao final do vídeo, ele ejacula no rosto e na boca da atriz que olha fixamente para a câmera. Ela então pede uma última sessão de sufocamento e o homem faz novamente a cena do sexo oral segurando o nariz da mulher e sai de quadro repentinamente deixando a atriz sozinha. Ela fica ajoelhada no chão, completamente desfigurada, com um semblante exaurido, com o rosto e os cabelos totalmente molhados de saliva e esperma, sorri para a câmera e dá um aceno.

Muniz Sodré, em "A Comunicação do Grotesco", diz que

o fabuloso, o aberrante, o macabro, o demente – enfim, tudo que à primeira vista se localiza numa ordem inacessível à 'normalidade' humana – encaixam-se na estrutura do grotesco. [...] o grotesco é uma aberração de estrutura ou de contexto. [...] é o mundo distanciado, daí

---

<sup>16</sup> "I'm a very little cock sucker. I like to take big, fat, hard cocks all the way down my throat. I like to have my pretty little mouth stuffed." Disponível em [http://www.xvideos.com/video280236/hillary\\_scott\\_gag\\_me\\_then\\_fuck\\_me](http://www.xvideos.com/video280236/hillary_scott_gag_me_then_fuck_me). Acesso em 30/10/2011.



a sua afinação com o estranho e o exótico. (SODRÉ; 1972: p. 38 e 39)

Classificar as cenas deste vídeo como grotescas não seria, portanto, equivocado, embora esta classificação pudesse ser taxada de moralista – há quem defenda, por exemplo, que as mulheres podem gostar deste tipo de relações sexuais. É preocupante que estas cenas possam pertencer, sob algum entendimento, à normalidade, ao familiar. Sobre este debate, no entanto, não é preciso tecer comentários uma vez que o problema não está na presença ou ausência de prazer para a mulher, mas no fato de que aquela mulher (enquanto atriz e enquanto símbolo) é usada pelo homem, é um objeto do homem para seu prazer, é retratada como uma verdadeira escrava, que pode ser pisada, penetrada, humilhada, degradada, sufocada se este for o desejo do homem (o ator ou o símbolo que encarna).

O XVIDEOS também tem um sistema de comentários para cada um dos filmes ali disponíveis. Não é preciso nenhum tipo de identificação, há um campo para preencher com o nome e outro para inserir o comentário. Embora se possa dizer que estes comentários não são representativos, justamente porque não são identificados, por outro lado, sendo a pornografia um tabu na sociedade, o anonimato permite uma expressão que não seria possível caso a identificação fosse necessária. É o que sustenta, por exemplo, Gisele Marchiori Nussbaumer, em seu artigo "Homossexualidade e subjetividade *on line*: um estudo de comunidades virtuais gays". Ela diz que

A possibilidade de anonimato, assim como a de criar nomes e apelidos, é tida como um dos fatores determinantes do interesse que a rede desperta. Até mesmo porque, muitas vezes, se torna mais fácil relatar sentimentos e experiências íntimas para desconhecidos, com os quais se tenha afinidade, do que para pessoas conhecidas com as quais se convive no dia a dia do ambiente off line. (NUSSBAUMER; 2005: p. 67)

Neste vídeo descrito acima, o comentário mais recente, do dia 18/10/2011, feito pelo usuário "*Renegade*", diz "a melhor cena desde sempre"<sup>17</sup>. Outro comentário, do usuário "*rukker*", feito em 03/01/2011, classifica a mulher como "grande puta suja e sórdida"<sup>18</sup>. Estes comentários apontam para uma aceitação social daquelas práticas, para um prazer derivado da humilhação e da degradação da mulher, que é ainda

---

<sup>17</sup> "The best scene ever"

<sup>18</sup> "what a fucking dirty nasty whore"

criminalizada pela sua pretensa libertinagem. A própria descrição do site "*Gag Me Then Fuck Me*" também vai neste sentido, afirmando enfaticamente – com o recurso da caixa alta na palavra "really" – que este é o verdadeiro desejo de todo homem.

O site "*Backroom Casting Couch*" é um outro exemplo de site de pornografia pago que está contemplado pelo recorte deste trabalho. Ao entrar no site, o usuário recebe o seguinte aviso:

O seguinte material contido neste site é material adulto não-violento contendo situações de sexo explícito. A vista, posse, venda ou distribuição para menores é contra a lei. Exercendo os nossos direitos da Primeira Emenda, este material foi feita por adultos, e é indicado apenas para adultos que desejam vê-lo. É ilegal continuar [entrar no site] se o material citado é ilegal, proibido ou pode violar os padrões da comunidade em que você está vendo esses materiais. O material a seguir representa relatos de relações sexuais entre adultos encenados, roteirizados e fictícios. Todos os artistas, no seguinte material pretendem ser retratados e são entendidos como adultos que estão realizando a sua própria vontade com seu integral consentimento. Este material tem o propósito de servir como um registro visual dos métodos de relações interpessoais e sexuais. No entanto, note que estes relatos fictícios NÃO exibem sempre sexo seguro, ou toda a gama de emoções da vida real e relacionamentos. Além disso, este material é criado para informar os telespectadores da grande variedade de relacionamentos adultos. Ele apresenta a idéia de que estes são aspectos importantes das relações de adultos e que a conduta sexual é agradável em várias formas de expressão.<sup>19</sup>

Caso o usuário decida prosseguir, ele é levado a uma página cujo cabeçalho diz

---

<sup>19</sup> "The following material contained in this website is non-violent adult material containing sexually explicit situations. Viewing by, possession of, sale or distribution to minors is against the law. Exercising our first amendment rights, this material has been made by adults, and is intended ONLY for adults who wish to view it. It is unlawful to continue if the fore mentioned material is illegal, outlawed or may violate community standards where you are viewing said material. The following material represents staged, scripted, and fictional accounts of sexual relationships of adults. All performers in the following material are intended to be portrayed and understood as fully consenting adults that are performing of their own free will. This material is meant to serve as a visual record of the methods of interpersonal and sexual relationships. However, please note that these fictional accounts do not always exhibit safe sex, or the full range of real life emotions and relationships. Moreover, this material is created to inform viewers of the wide range of adult relationships. It presents the idea that these are important aspects of adult relationships and that sexual conduct is enjoyable in various forms of expression." Disponível em <http://backroomcastingcouch.com/>. Acesso em 30/10/2011.

Backroom Casting Caouch é um site sobre interações da vida real que ocorrem durante entrevista de modelos adultas. Nós filmamos meninas chupando, fodendo, engolindo e levando na bunda apenas para conseguir um emprego. Eu contrataria todas elas, no entanto eu não sou um agente de talentos... e não há trabalhos de modelo."<sup>20</sup>

Ao longo da página há uma série de imagens, compostas de *frames* dos filmes de cada uma das mulheres entrevistadas. Todas aparentam ser muito jovens e seus vídeos têm a mesma dinâmica: é possível ver, nestes quadros, o rosto em close, closes de penetrações, sexo oral, e sempre o rosto da mulher sujo com esperma.

Neste site existe apenas um plano de associação, que custa US\$ 24,95 por 30 dias de acesso. Entre as vantagens oferecidas está a possibilidade de assistir "garotas fazendo coisas que elas nunca pensaram que fariam".<sup>21</sup> Também neste caso, é possível ter acessos aos vídeos através do site XVIDEOS, realizando-se uma busca com os termos "backroom casting couch". A média da popularidade dos vídeos encontrados também é superior a 90%. Os vídeos deste site são gravados por um homem, cujo rosto é escondido por um efeito de edição, com uma câmera solta – é segurada ora pelo homem, ora pela atriz e eventualmente apoiada em algum lugar, uma outra câmera fixa com uma vista mais geral do ambiente e ainda uma terceira câmera sobre um tripé que é trocado de posição algumas vezes. Não há nenhuma ambientação para gerar sensualidade, toda a relação sexual se dá dentro de um escritório muito simples, aparentemente com uma mesa e um sofá.

O filme chamado "*Casting Michelle*" começa com a suposta atriz dando uma entrevista ao homem que filma. Ele pergunta se ela está ciente do que terá de fazer e ela diz que sim. Quando ele pede a ela que fique nua, ela atende timidamente e fica com suas roupas íntimas. Ele então pede que ela tire o sutiã e ela pergunta se isso seria mesmo necessário. Ele pede a ela que se sente e então explica que "eles não irão contratá-la só por ter um rosto lindo, eles precisam ter certeza de que você é como uma

---

<sup>20</sup> "Backroom Casting Couch is a website about the real life interactions that occur during adult modeling interviews. We film girls sucking, fucking, swallowing and taking it in the ass just to land a job. I would hire them all, however I'm not a talent agent... and there is no modeling job." Disponível em <http://www.backroomcastingcouch.com/2/backroom.html>. Acesso em 30/10/2011.

<sup>21</sup> "Watch girls do things they never thought they'd do"

das garotas com as quais eles querem trabalhar."<sup>22</sup> Ela então diz que pensava que ele já tinha fotos dela, ao que ele responde "sim, eu tenho fotos, mas não sei como é você fazendo sexo. Se você for um peixe morto eu não quero te mandar para alguém, sabe? Isso me faria parecer mau, eu tenho uma reputação, você entende? Vamos reduzir as perguntas ao mínimo, eles verão isso, verão que você já está me fazendo perguntas, eles querem alguém com quem seja fácil de trabalhar."<sup>23</sup>

Assim a atriz é convencida a tirar suas roupas e este ritual de apresentação continua com o homem apalpando seus seios, numa posição de avaliador, vendo se são bons ou não para o trabalho. Em seguida ele pede que ela tire a calcinha com a bunda direcionada a câmera, num close em sua vagina e ânus. Em determinado momento, diante do constrangimento da atriz, pode-se ouvi-lo dizendo "sim, esta é a indústria adulta"<sup>24</sup>. Depois ele pergunta algo sobre o namorado de Michelle e se ela contará a ele sobre o que está fazendo. Daí em diante se desenrola a relação sexual. Em vários momentos se percebe um semblante de absoluta frustração e incomodo no rosto da mulher, que é filmado quase que o tempo inteiro por pelo menos uma das câmeras. Os filmes, de maneira geral, são sobre um homem que 'experimenta' as atrizes para ver se elas servem para o trabalho da pornografia. A mulher deve fazer tudo o que o entrevistador pede e, ao fim da relação, invariavelmente ele ejacula sobre o rosto dela.

Na própria página do site é possível ler as descrições dos vídeos que ali estão e que dizem muito sobre os valores destas produções. O vídeo intitulado "*Storri*" – todos os vídeos levam o nome da "entrevistada" como título – tem a seguinte descrição:

Storri, 21 anos. Essa vadia realmente me deixou irritado. Primeiro ela falou demais e reclamou a cada passo do caminho. Ela questionou tudo que eu pedi a ela pra fazer. Depois, ela não queria fazer anal porque eu sou 'muito

---

<sup>22</sup> "They will not hire you for just being a pretty face. They need to make sure that you look like a girl that they want to work with."

<sup>23</sup> "Yeah, i got pictures of you. I don't know what you're like having sex. If you are a dead fish i dont want to send you off to somebody. That makes me look bad, i have a reputation upon it, you understand? Lets keep the questions to a minimum, they're gonna see this stuff, they're gonna see that you're already asking me questions, they wanna work with someone that's easy to work with."

<sup>24</sup> "yeah, this is the adult industry, ok?"

grande'. Não ferra. Sou pequeno como uma espinha. Ainda por cima, ela não quis engolir.<sup>25</sup>

Outro vídeo, de título "*Jaylynn*" é descrito da seguinte maneira:

JayLynn, 19 anos. Ela foi informada de que teria que "percorrer a milha extra" [ir além do necessário] para conseguir os trabalhos de modelo. Eu disse a ela que ela não conseguiu o trabalho porque chorou demais durante o anal. Quer dizer, quem vai contratar uma garota que tem lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto é fodida na bunda?<sup>26</sup>

Apesar do aviso inicial de que as cenas são roteirizadas, é bastante razoável questionar, diante das expressões das mulheres, aparentemente muito sinceras, se os vídeos são mesmo premeditados e se as supostas atrizes realmente sabem o que farão naquela entrevista. No entanto, não é necessário, para o efeito desta análise, fazer qualquer tipo de afirmação sobre a idoneidade deste processo de produção. A questão está na simbologia que é oferecida pelo site, que é claramente exploratória da mulher.

Não há uma atmosfera sensual nos filmes, não há espaço para a estimulação das mulheres filmadas, as relações são técnicas, avaliativas, a exposição dos corpos é crua e pouco cuidadosa, sem grandes recursos de composição da imagem. O que se pode daí inferir é que o caráter excitante desses filmes está menos no ato sexual em si que no fato de que as mulheres estejam sendo sexualmente exploradas, já que estão fazendo um teste em uma agência fantasma, como aponta a descrição do site – realmente não faz diferença se na prática, por trás das câmeras, as mulheres saibam ou não dessa informação. Os diálogos entre o entrevistador e as mulheres, as descrições de cada vídeo, as situações constrangedoras, são efeitos discursivos que reforçam o sentimento de que aquelas mulheres estão sendo enganadas, estão fazendo sexo gratuito com um homem estranho em busca de um trabalho que não existe.

Os filmes aqui exemplificados são ilustrativos de uma enorme quantidade de vídeos pornográficos disponíveis na internet. Existem centenas de sites especializados

---

<sup>25</sup> "21 year old Storri. This bitch really pissed me off. First she talked way too much and bitched every step of the way. She questioned everything I asked her to do. Then, she wouldn't do anal because I'm "too big". Fuck that noise. I'm hung like a pimple! To top it all off she wouldn't swallow."

<sup>26</sup> "19 year old JayLynn. She was told she had to "go the extra mile" to get the modeling gigs. I told her she didn't get the job because she cried too much during anal. I mean really, who's going to hire a girl who has tears streaming down her face while she's getting fucked in the ass?"

em pornografia que se parecem com eles. Os próprios nomes e descrições já dizem muito sobre o caráter de suas produções: "*18 & Abused: extreme, exclusive, raw, hardcore!*"<sup>27</sup>; "*Cum Fiesta: the dick sucking party*"<sup>28</sup>; "*First Time Auditions: These sluts will do anything to break into the business, from blowjobs to amateur sex scenes, these are their first porn auditions caught on film.*"<sup>29</sup>; "*Latina Rampage: The best Latina ass gets plowed right here, every week!*"<sup>30</sup>; entre muitos outros.

Todos estes sites, com suas diferenças e variações, promovem um tipo de relação entre homens e mulheres que é indiscutivelmente baseado na exploração da figura feminina. O fator do lucro, que é consequência direta da audiência dos vídeos, é garantido em função do caráter exploratório dos filmes. Neste sentido, a mulher sofre uma pressão direta proveniente da pornografia, tanto na sua produção quanto no seu consumo, ou seja, as atrizes são pressionadas a aceitar a exploração e as mulheres que estão submetidas a esta cultura também. Maria Elvira Díaz-Benítez fala sobre esta pressão em relação às atrizes e afirma que

Na rede de produção de filmes pornográficos que pesquiso, fazer sexo anal é atualmente uma obrigação para a mulher que deseje fazer carreira ou ingressar temporariamente nesses mundos; uma resposta negativa pode fechar-lhe as portas da indústria ou permitir-lhe um ingresso extremamente efêmero. (DÍAZ-BENITEZ; 2009: p. 581)

Esta afirmação concorda com as descrições acima transcritas dos vídeos "*Storri*" e "*JayLynn*", do site "*Backroom Casting Couch*", que chegam a recriminar a mulher que chora ao fazer sexo anal. Obviamente a cena onde ocorre esta situação quer denotar, não importa se por conta de um roteiro ou não, que a mulher não está gostando do ato sexual, e este é o fator de atração para a produção, a ponto de a descrição textual do vídeo, que tem justamente a função de torná-lo mais atrativo, citar a particularidade do choro.

Se nos discursos produzidos pela pornografia comercial há um ideal de relação sexual que se baseia na exploração e na submissão da mulher, há também uma difusão

---

<sup>27</sup> <http://www.18andabused.com>

<sup>28</sup> <http://www.realitykings.com/cum-fiesta/home.htm>

<sup>29</sup> <http://www.realitykings.com/first-time-auditions/home.htm>

<sup>30</sup> <http://www.latinarampage.com/>

do ideal de homem e de mulher sexualizados. Neste sentido, o entendimento sobre as mulheres na pornografia é pautado pela sua submissão, ou seja, quanto mais submissa aos prazeres do homem, melhor ela é. O mesmo critério pode ser transposto para a produção pornográfica em si, a medida em que as atrizes devem aceitar toda a sorte de práticas que os filmes exijam. Díaz-Benítez fala sobre este ideal:

Se, por um lado, a masculinidade excessiva dos homens evidencia-se em sua fortaleza em manter a ereção por largos períodos, penetrar vigorosa ou até violentamente, entre outras "proezas", por outro, o excesso da mulher consiste justamente em sustentar a penetração vigorosa ou violenta por um longo tempo e também outros tipos de práticas complexas, levando em conta que na pornografia *hétero*, a respeito de práticas, as mulheres encaram os maiores desafios. (DÍAZ-BENITEZ; 2009: p. 586)

Isso demonstra que a prática e a simbologia da pornografia comercial não trazem benefício material às mulheres, enquanto gênero ou enquanto atrizes. Pelo contrário, exercem uma pressão – tanto material quanto simbólica, é importante notar – sobre as mulheres em direção à submissão. Gail Dines, pesquisadora da pornografia e autora do livro *"Pornland: How Porn has Hijacked our Sexuality"*, em entrevista à jornalista Sonali Kolhatkar, diz

Eu acho que uma das coisas interessantes sobre como meninas e mulheres jovens são afetadas pela cultura pornográfica é que elas saem com homens que foram moldados pela pornografia. O que eu descobri em minhas entrevistas com mulheres jovens foi que muitos destes homens queriam fazer sexo pornográfico nos corpos delas. Eles queriam sexo anal, queriam toda sorte de outras coisas que viram na pornografia. E muitas mulheres não querem isso, mas não possuem o vocabulário para expressar porque não querem, porque em todo lugar onde elas vão na sociedade dizem a elas "se você não faz isso, você é uma puritana." E que jovem ou adolescente quer ser definida como uma puritana? Então os garotos estão pressionando, insistindo, persuadindo meninas a fazer sexo pornográfico.<sup>31</sup> (DINES, 2010)

---

<sup>31</sup> " I think one of the interesting things about how girls and young women are affected by the porn culture is they date these men who themselves have been shaped by pornography. What I found in my interviews with young women was that many of these men wanted to play out porn sex on their bodies. They wanted anal sex, they wanted all sorts of other things that they'd seen in pornography. And a lot of the women, they don't want to do it, but they don't have the vocabulary to express why they don't want to do it because everywhere they go in this society they're told, "If you don't do it, you're a prude." And what teenager or adolescent do you know wants to be defined as a prude? So the boys are pushing, nagging, cajoling girls into performing porn sex." Disponível em

De certa maneira, é possível traçar um paralelo entre a pornografia comercial e a prostituição. Ambas as atividades tem, na base de seu desenvolvimento, a venda do corpo para o prazer alheio, de maneiras substancialmente distintas. Na prostituição, uma pessoa recebe dinheiro para praticar sexo com outra (ou outras), proporcionando-lhe prazer. Na pornografia, contudo, esta relação não é tão direta. De maneira similar, quando uma mulher realiza um filme pornográfico, faz sexo com outra pessoa mediante uma remuneração – à diferença de que na pornografia, em geral, não é o parceiro sexual o pagante. No entanto, o prazer neste caso não se limita ao parceiro sexual. Na realidade, a indústria pornográfica vai trabalhar para que o maior número possível de pessoas retirem satisfação sexual daquela produção, o que se traduz em maiores lucros.

Há, então, uma diferença qualitativa nas relações de trabalho entre a pornografia e a prostituição no que diz respeito à geração de renda. Na prostituição, o trabalho é diretamente remunerado, ou seja, ele é exercido, pago e explorado uma única vez. Na pornografia moderna, mediada pelas corporações de mídia, esta relação é completamente diferente, uma vez que a produção pornográfica permanece gerando lucros durante muito tempo. Ainda que se possa dizer que o trabalho na pornografia é estruturalmente melhor remunerado, o exemplo de María Elvira Díaz-Benítez (2009), onde a atriz recebe R\$ 1000,00 para realizar um filme de orgia, ilustra a disparidade entre a remuneração ao trabalho e ao produto – sabe-se que a indústria pornográfica no mundo rende cerca de 5 bilhões de dólares por ano<sup>32</sup>. Embora conceitualmente não se possa dizer que há um problema de trabalho não pago – a atriz, de fato, não trabalha todas as vezes que seu filme é exibido –, é razoável fazer um paralelo deste modelo de produção da pornografia com o conceito de mais valia. No final do processo produtivo, os imensos lucros gerados pela pornografia não se reverterem para aqueles que nele trabalharam.

A massificação da cultura pornográfica, portanto, através da grande mídia e da internet, logrou submeter ainda mais a mulher, através da disseminação de discursos sobre seu lugar social, e também através da exploração de seu trabalho. A simbologia da exploração é a tônica da pornografia moderna. É através da produção de imagens e

---

[http://www.alternet.org/media/148142/should\\_we\\_worry\\_whether\\_porn\\_has\\_hijacked\\_our\\_sexuality?page=entire](http://www.alternet.org/media/148142/should_we_worry_whether_porn_has_hijacked_our_sexuality?page=entire) . Acesso em 20/10/2011.

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.onlinemba.com/blog/the-stats-on-internet-porn/> . Acesso em 10/08/2011.



discursos que retratam a mulher dominada pelo homem que a indústria pornográfica atrai seus espectadores, valoriza sua publicidade, vende mais produtos e assinaturas e, por fim, reproduz seu lucro.

#### **4.2 – Fetichismo da exploração**

Cada organização das relações de produção engendra uma atmosfera psicossocial própria, que se destina em geral a perpetuar o seu tipo específico de relações humanas. A cultura de massa – frisamos: essencialmente política – é hoje o grande *medium* da atmosfera capitalista. (SODRÉ; 1972: p. 39)

Ao promover um ideal de relação sexual baseado na degradação da mulher, a indústria da pornografia presta um enorme serviço à dinâmica do capitalismo. Se por um lado, durante os anos que se seguiram à queda do muro de Berlim, houve um significativo aumento da atuação de movimentos sociais, civis ou institucionais, no sentido de combater as formas de exploração inerentes ao capitalismo, processo ainda mais acentuado no decorrer do novo milênio, a evolução da pornografia vem na contramão desta tendência. A criação de um fetiche baseado na exploração sexual da mulher cria condições excepcionais para o desenvolvimento da prática primordial do capitalismo, a exploração, no interior da consciência individual e na mediação do relacionamento mais íntimo entre mulheres e homens, especialmente considerando-se a enorme plasticidade neuropsíquica de grande parte dos espectadores da pornografia – segundo Gail Dines, a média de idade dos jovens que assistem pela primeira vez à pornografia pela internet é de 11 anos (DINES, 2010). A autora sustenta ainda que a pornografia é a principal fonte de informação sobre a sexualidade disponível na sociedade e que isso pode gerar problemas a longo prazo (Idem).

Isso significa que a principal ferramenta de educação sexual existente promove, na prática, tipos de relações sexuais baseadas na exploração, ou, em outras palavras, que os jovens de hoje estão aprendendo através da pornografia que a forma correta de lidar com a sexualidade, a maneira mais efetiva de busca pelo prazer, passa obrigatoriamente pela exploração.

A pornografia de que fala este trabalho tem, como característica incontestável, o reforço destes esquemas de percepção. Sua enorme lucratividade, que é consequência direta dos níveis de audiência e aceitação das imagens, por sua vez, se apóia neste entendimento sedimentado na sociedade da sexualidade e dos sexos. Há então uma

relação dialética entre a produção da pornografia e a reprodução destes valores, numa espécie de ciclo onde a ordem social machista e a produção pornográfica se alimentam e crescem simultaneamente. No limite se poderia dizer que quanto mais estabelecida a ordem, mais as produções pornográficas teriam sucesso, e quanto mais sucesso tenham as produções pornográficas, mais forte será a ordem.

O ponto de vista que entende que a pornografia está baseada em valores machistas, que demonstra práticas sexuais degradantes da mulher e voltadas para o prazer masculino, podem gerar, e de fato geram, questionamentos em relação à posição da mulher naquelas representações. Estes questionamentos, em geral, estão respaldados no argumento do consentimento, entendendo que uma atriz pornô – e, paralelamente, a parceira no ato sexual – realiza aquelas práticas absolutamente consciente e de acordo com elas, e que pode, caso seja de sua vontade, negar a realização de quaisquer práticas que lhe desagradem. Esta argumentação evoca também a necessidade de fazer da mulher – atriz pornográfica ou parceira sexual – sujeito de sua existência, dar a ela a agência sobre seu próprio corpo, condição que um ponto de vista que compreende a atividade pornográfica como machista poderia minar.

O consentimento, como já visto antes, não pode ser adotado como critério de legitimação das práticas da pornografia – e mesmo em contextos mais gerais. Muitas práticas controversas, muitas profissões e ocupações podem ser formalmente entendidas como válidas no bojo do argumento do consentimento.

Não há aqui a intenção de dizer que atrizes do mercado pornográfico sejam forçadas a realizar este trabalho, mas desconsiderar questões e pressões externas ao sujeito, e mesmo considerar o sujeito como uno e absoluto, é um erro em que este trabalho não pretende incorrer.

Como pondera Louis Althusser (1974:42), "como toda obviedade, incluindo aquelas que fazem uma palavra 'nomear um objeto' ou 'ter um significado' (e portanto incluindo a obviedade da 'transparência' da linguagem acima apontada), a obviedade de que você e eu somos sujeitos – e de que isso não é problemático – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar." (ALTHUSSER apud. PINTO; 2002: p. 30)

Está claro, portanto, que ao mesmo tempo em que não se pode dizer categoricamente que o machismo, a submissão e a exploração da mulher são características intrínsecas da pornografia, também não é razoável esta argumentação para refutar esta ideia.

Outro argumento frequente nesta contestação é aquele que faz referência à possibilidade de que a mulher, ao praticar o sexo nos moldes da pornografia, inclusive na realização da obra pornográfica, sinta prazer. De fato, fazer uma afirmação categórica sobre este assunto, tanto para a confirmação quanto para a negação, demandaria um rigor científico e uma investigação que esse trabalho não se propõe a fazer. No entanto, cabem algumas considerações sobre esta questão do prazer. Bourdieu, em "A Dominação Masculina", diz:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU; 2002: p. 29)

Entendido e aceito o fato de que a relação sexual representada nas produções pornográficas são baseadas em uma concepção de dominação, com o homem sendo o sujeito da relação sexual e a mulher objeto, não faz muito sentido questionar se há ou não prazer. Mesmo quando a relação de dominação é explicitamente invertida, como em muitos filmes pornográficos do gênero sado-masoquista (que fogem ao recorte deste trabalho), trata-se de um momento isolado do contexto geral em que esta prática está inserida. Neste sentido, Adriana Piscitelli, em seu artigo "Gênero e o mercado do sexo", utiliza o pensamento da feminista radical MacKintock para ilustrar como esta suposta inversão da dominação – que também diminuiria o caráter machista da pornografia – é falsa. Ela diz que

Em sua interpretação [de MacKintock] do sexo, o contexto social e político, para além do indivíduo, são de crucial importância. Segundo a autora, mesmo dentro do marco do dinheiro e da fantasia controlados do sado-masiquismo comercial, os homens entregam o poder às mulheres apenas temporariamente, mantendo o controle fora desse marco limitado; as contradições podem ser negociadas mas não necessitam ser resolvidas, porque a fonte desses paradoxos está além do individual. (PISCITELLI; 2005: p. 21)

Não se pode encarar o fato de que a dominação seja prazerosa – tanto para o homem quanto para a mulher – de um ponto de vista naturalista. É uma construção

cultural que leva a este entendimento da sexualidade, e aqui não há qualquer julgamento de valor, nenhuma condenação da relação prazer/dominação, apenas a constatação de que a representação da dominação (incluindo os sentimentos e reações que são gerados) é parte incontestável da pornografia.

Kate Millet, em seu livro "Política Sexual", explica porque não é razoável, na prática, fazer este julgamento moral do prazer advindo da dominação quando, confirmando o entendimento de Bordieu sobre a ordem masculina, diz que "A sociedade patriarcal está de tal forma enraizada que o tipo de estrutura que ela determina em ambos os sexos é talvez mais um hábito de espírito e um tipo de vida do que um sistema político determinado." (MILLET; 1974: p. 12).

Participar da ordem estabelecida, colocar-se a seu fim, é ratificá-la. Portanto, quando a pornografia promove a representação de relações sexuais baseadas na dominação, quer por uma questão de cultura e hábito ou por uma questão política, está ratificando a ordem da dominação masculina de duas maneiras: a primeira é no terreno simbólico, e em relação a isso não há grande polêmica; a segunda é na prática cotidiana material daqueles que a consomem, como visto anteriormente.

As imagens midiáticas não são um lugar vazio de significações e conseqüências. A pornografia, como um seguimento de mídia, também tem implicações práticas nas relações sociais e materiais da sociedade.

Os conteúdos violentos, como os propagandísticos ou os pornográficos são essa classe de conteúdos que a sociedade nunca recebeu como mensagens inócuas e, portanto, através dos quais é possível observar de forma mais clara algum tipo de efeito social, a curto ou longo prazo.<sup>33</sup> (SORIANO; 2004: p. 157)

Saindo do terreno sexual, é preciso ainda ter em conta que a pornografia não produz imagens e discursos apenas sobre a sexualidade – na verdade, se existe a improvável possibilidade de desligar-se a sexualidade do plano geral de entendimento e interpretação da sociedade e do indivíduo, certamente não é a pornografia o lugar desta separação. Os filmes pornográficos estão repletos de mensagens que vão além do terreno da sexualidade, e que discursam sobre o papel do homem, o papel da mulher, as

---

<sup>33</sup> "Los contenidos violentos, como los propagandísticos o los pornográficos son esa clase de contenidos que la sociedad nunca se ha tomado como mensajes inocuos y, por lo tanto, a través de los cuales es posible observar de forma más clara algún tipo de efecto social, bien sea a corto o a largo plazo."

relações entre gêneros, relações entre raças, ideais de beleza, padrões de comportamento e outras coisas. Sobre esta questão, Gail Dines diz que

nós entendemos que a mídia molda nossa maneira de pensar. Molda nossa realidade, nossas percepções do mundo. A pornografia é mais uma forma de mídia. É um gênero específico que, por sinal, é muito poderoso porque entrega mensagens aos cérebros dos homens através do pênis, que é um sistema extremamente poderoso. Então eu acho que a ideia de que [a pornografia] é fantasia não é corroborada pelos estudos que conhecemos sobre como a pornografia, e as imagens em geral, afeta o ponto de vista das pessoas sobre o mundo<sup>34</sup>. (DINES, 2010)

---

<sup>34</sup> "we understand that media shapes the way we think. It shapes our reality, it shapes our perceptions of the world. Pornography is one more form of media. It's a specific genre which, by the way, is very powerful because it delivers messages to men's brains via the penis, which is an extremely powerful delivery system. So I think the idea that it's fantasy just isn't borne out given the studies that we know about how porn, and how images in general, affect people's view of the world."

## 5. CONCLUSÃO

O objeto deste trabalho é realmente muito extenso. Considerando-se que cerca de 12% das páginas existentes na internet são destinadas a pornografia<sup>35</sup>, qualquer generalização ou análise sobre o material pornográfico que a sociedade consome atualmente pode se revelar uma armadilha. Há uma quantidade incalculável de vídeos pornográficos disponíveis na rede, e de características muito similares. O recorte aqui proposto provavelmente dá conta do gênero majoritário da mídia pornográfica, mas obviamente não pode ser considerado absoluto. Um número maior de análises, tanto de filmes quanto de sites especializados, certamente daria mais legitimidade a esta argumentação. Embora se possa dizer que os filmes aqui descritos são mesmo representativos do gênero proposto como objeto, e também que as simples descrições das páginas são, em geral, suficientemente comprobatórias do teor de seus materiais, a intenção inicial era realizar mais análises, de mais filmes e de mais páginas. No entanto, a extensão do capítulo referente, e logo do trabalho final, se mostrou um problema.

Levando-se em conta que esta pesquisa não está terminada, e que será objeto de estudo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação desta mesma escola onde o trabalho ora se apresenta, pareceu mais razoável respeitar às normas formais desta etapa da pesquisa e reservar um desenvolvimento analítico mais complexo para a sua posterior continuação.

Outra questão que, por conta da extensão do trabalho, teve que ser adiada no desenvolvimento da pesquisa é a referente aos vídeos pornográficos ditos amadores – produções realizadas e disponibilizadas por pessoas comuns, sem ligação alguma com a indústria pornográfica. Este material pode revelar-se uma poderosa ferramenta de controle – no sentido científico – da argumentação aqui proposta. Por um lado, há uma tendência das grandes produtoras de pornografia a fazer com que seus vídeos se assemelhem cada vez mais a produções amadoras, o que lhes confere um caráter ainda mais realista. Em contrapartida, ainda que não haja a motivação do lucro, o pornógrafo amador tem a intenção de ser visto, de se expor, de que seu vídeo receba o maior número de visitas possível. Para tanto, é preciso seguir as fórmulas que vendem, ditadas pelo mercado, o que significa que a indústria pornográfica pode estar também

---

<sup>35</sup> Disponível em <http://www.onlinemba.com/blog/the-stats-on-internet-porn/> . Acesso em 10/08/2011.

influenciando e moldando a pornografia amadora. Este panorama traz em si uma discussão de suma importância: o erotismo poderia estar arriscado a perder sua parcela de criatividade quando circunscrito aos estreitos limites da pornografia comercial. Mesmo a arte erótica espontânea estaria minada e impulsionada a uma linha de produção reprodutora de valores que não são saudáveis para a sociedade.

A conclusão geral a que se pode chegar aqui é que a pornografia precisa ser entendida. Há uma enorme lacuna na compreensão desta mídia por parte da própria sociedade em que ela se insere, e isto pode se revelar muito perigoso em um futuro não muito distante. A mídia pornográfica da atualidade é uma consequência – e ao mesmo tempo um agente – do processo de globalização e do sistema neoliberal que dominam o mundo. Neste sentido, é preciso ter atenção ao seu caráter exploratório e combatê-lo, operando a separação entre sensualidade, arte, representações eróticas, e a grande indústria da pornografia.

O capitalismo, como faz com todos os elementos da sociedade, se apropriou da pornografia no momento mesmo em que enxergou ali uma oportunidade de gerar lucros. O que impera, portanto, por trás das produções pornográficas que geram milhões de dólares aos seus produtores é a lógica do vale-tudo. Pelos lucros exorbitantes, para aumentar o número de espectadores, para tornar as produções cada vez mais atrativas, os produtores da indústria pornográfica não medem esforços, e quando necessário é, se utilizam dos corpos femininos (e também dos masculinos) como se fossem objetos pelos quais eles podem pagar e usar a seu bel-prazer. Se os corpos se exaurem, se não servem mais para o trabalho, procuram outros. Gail Dines, por sinal, aponta em seu livro que a média do tempo de vida útil das atrizes que tentam entrar para a indústria pornográfica – e que precisam, portanto, consolidar sua posição profissional – é de cerca de três meses, segundo a *Adult Industry Medical Health Care Foundation*, organização que presta serviços de saúde para atores e atrizes pornô (DINES, 2009). Os principais problemas que ocorrem com estas mulheres são o prolapso do ânus, devido à violência com que ocorre a penetração anal, e a gonorréia ocular, causada pela prática chamada “*ass to mouth*”, quando o homem retira o pênis do ânus da mulher e o coloca diretamente em sua boca, sem lavagem – recorrente nos vídeos descritos neste trabalho.

Por outro lado, os debates sobre a pornografia em nossa sociedade parecem estar, em geral, direcionados a um problema que não é o central nesta questão. Não é tão importante, neste momento, discutir se formalmente, a pornografia pode denotar situações com potencial emancipatório da sexualidade feminina. É preciso levar em

conta o contexto em que estas produções estão inseridas, pelo qual são influenciadas e do qual retiram sua legitimidade. Operando desta maneira, chega-se inevitavelmente ao entendimento de que a pornografia é feita para homens, tem como cerne de sua simbologia os valores e os desejos masculinos e que, finalmente, promove um tipo de relação sexual baseada na exploração e na degradação da mulher – ainda que, muitas vezes, seja de formas sutis.

Novamente, não se pode interpretar aquelas imagens em seu caráter puramente imagético. Por trás de cada ruído e cada quadro destes filmes, há um discurso e uma intenção que causam, invariavelmente, algum tipo de consequência, para os indivíduos que os consomem, sejam mulheres ou homens, e para a realidade material do mundo. Portanto, se um filme demonstra, como é de praxe e foi exposto neste trabalho, uma mulher satisfazendo-se com situações de absoluta degradação sexual, é importante que se leve em conta as condições de produção, as características do mercado pornográfico e os marcos sociais em que ele é produzido, para discutir sua legitimidade e representatividade. Gail Dines tem razão, quando na entrevista aqui citada, diz que a

Há áreas no feminismo onde ninguém vê a realidade do status de vítimas das mulheres, em que se diz que as mulheres não são mais vítimas. Bem, se você olha para o nível de violência contra a mulher nessa sociedade, se você vê mulheres lutando para alimentar seus filhos, vê mulheres vivendo na pobreza, você sabe, temos que tratar o feminismo com política. E o que aconteceu, eu acho, é que a política foi retirada do feminismo, então você tem a ideia de que nós conquistamos o que queríamos, ou que pelo menos podemos estar no poder como indivíduos. Desculpe, mas você não pode estar no poder como indivíduo quando as mulheres, como grupo, são sistematicamente discriminadas. E ainda que eu esteja bem, meu feminismo está dizendo “Sabe do que? Eu andei essa distância por você porque você não está bem”. Isso é o que significa irmandade. Não é olhar os indivíduos e dizer “Você está bem, então isto é um sinal de que as mulheres estão no poder”<sup>36</sup>. (DINES, 2009)

---

<sup>36</sup> “I think also there's areas in feminism where no one really sees the reality of women's victim status, that we say women are no longer victims. Well, if you look at the level of violence against women in this society, you look at women struggling to feed their children, you look at women living in poverty, you know, we need to have feminism with politics. And what's happened, I think, is that politics have been bled out of feminism, so now you get this idea that we got what we wanted, or at least we can be empowered as individuals. I'm sorry, but you cannot be empowered as individuals when women as a group are systematically discriminated against. And even if I'm OK. My feminism was saying, ‘You know what? I walked that distance for you because you're not OK.’ That's what sisterhood was about. Not about looking at individuals and saying, ‘You're OK, so that's a sign that women are empowered.’”



Finalmente, é preciso compreender que a exploração da mulher pela pornografia tem um motivo, e que este motivo está além da própria pornografia. O capitalismo é um sistema baseado na exploração do trabalho de uma classe social. Para que esta exploração aconteça com a maior eficácia possível, é preciso que ela esteja desmobilizada, fragmentada e fragilizada por suas disputas internas. Neste sentido, a opressão da mulher - e também dos negros e dos homossexuais, por exemplo - constitui-se como uma ferramenta de grande utilidade ao projeto de manutenção do status quo. As mulheres são aproximadamente a metade da força de trabalho atuante no mundo. O fato de que elas tenham salários, direitos, postos de trabalho e condições humanas inferiores às dos homens é, além de uma sólida plataforma para a sustentação o capitalismo, um grande entrave para a sua emancipação enquanto gênero, mas fundamentalmente para sua emancipação enquanto classe,

O combate ao machismo se mostra, portanto, uma política fundamental e indispensável para a superação da etapa histórica em que vivemos, para o progresso do estágio de desenvolvimento da sociedade. Malcom X, compreendendo muito bem o papel da opressão no sistema capitalista, dizia que "sem racismo não há capitalismo". A frase é perfeitamente transponível para o machismo. Dando um passo além desta afirmação, talvez se possa dizer que sem a pornografia, nos moldes em que é praticada hoje em dia, o machismo e a opressão da mulher estariam seriamente debilitados em um de seus mais poderosos sustentáculos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

### Livros, artigos, dissertações, teses

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. “Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô”. In: Prazeres Dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FERGUNSON, Ann. “Sex war: the debate between radical and libertarian feminists”. In: Signs. Vol 10, n. 11, autumn. 1984

GREGORI, Maria Filomena. "Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M". In: Sexualidade e saberes : convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALD, Gert Martin. "Pornography and attitudes supporting violence against women: revisiting the relationship in nonexperimental studies". In: Aggressive Behavior - Volume 36, Issue 1, pages 14–20, January/February 2010.

HUNT, Lynn. A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Humanidade. São Paulo: Hedra, 1999.

KENDRICK, Walter. The Secret Museum: Pornography in Modern Culture. California: University of California Press, 1997.

MACKINNON, Catharine A. "Not a Moral Issue" In: Feminism and Pornography. Estados Unidos: Oxford University Press, 2000.

MILLET, Kate. Política Sexual: Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. "Homossexualidade e subjetividade *on line*: um estudo de comunidades virtuais *gays*" In: ALCEU – Revista de Comunicação, Cultura e Política – v.6 – n.11. Rio de Janeiro: PUC, Dep. de Comunicação Social, 2005.

PARREIRAS, Carolina. "Just Click Here: Notas Sobre Gênero e Sexualidade em Práticas e Corpos Ciber-Pornôs"; 2010.

PINTO, Milton José. Comunicação & discurso: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PISCITELLI, Adriana. "Apresentação: gênero no mercado do sexo" in "Cadernos Pagu: Mercado do Sexo" 2005

REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

ROBERTSON, Patrick. Film Facts. Billboard Books, 2001.

SODRÉ, Muniz. A comunicação do Grotesco. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SORIANO, Jaume. "Las mujeres ante la información sobre violència de género" In: Sphera Pública - Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación. Múrcia: Universidad Católica San Antonio, 2004.

VAZQUEZ 1977

### **Páginas da internet**

DINES, Gail. *"Should We Worry Whether Porn Has Hijacked Our Sexuality?"*

Disponível em

[http://www.alternet.org/media/148142/should\\_we\\_worry\\_whether\\_porn\\_has\\_hijacked\\_our\\_sexuality?page=entire](http://www.alternet.org/media/148142/should_we_worry_whether_porn_has_hijacked_our_sexuality?page=entire)

18 & ABUSED: <http://www.18andabused.com>

BACKROOM CASTING COUCH:

<http://www.backroomcastingcouch.com/2/backroom.html>

CUM FIESTA: <http://www.realitykings.com/cum-fiesta/home.htm>

DW-WORLD.DE: [http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4251158,00.html?maca=bra-newsletter\\_br\\_Destaques-2362-html-nl](http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4251158,00.html?maca=bra-newsletter_br_Destaques-2362-html-nl)

FIRST TIME AUDITIONS: <http://www.realitykings.com/first-time-auditions/home.htm>

GAG ME THEN FUCK ME: <http://www.gagmethenfuckme.com>

LATINA RAMPAGE: <http://www.latinarampage.com/>

XVIDEOS.COM: <http://www.xvideos.com/>

THE STATS ON INTERNET PORN: <http://www.onlinemba.com/blog/the-stats-on-internet-porn>

WHO'S WHO OF VICTORIAN CINEMA: <http://www.victorian-cinema.net/lear.htm>

### **Filmografia**

Pornography: A Secret History of Civilisation. Produção de Fenton Bailey, Randy Barbato e Chris Rodley. Port Washington, NY: Koch Vision, 1999. 1 DVD.